



Dr. Phaelante da Camara



Memoria Historica

da
Faculdade do Recife

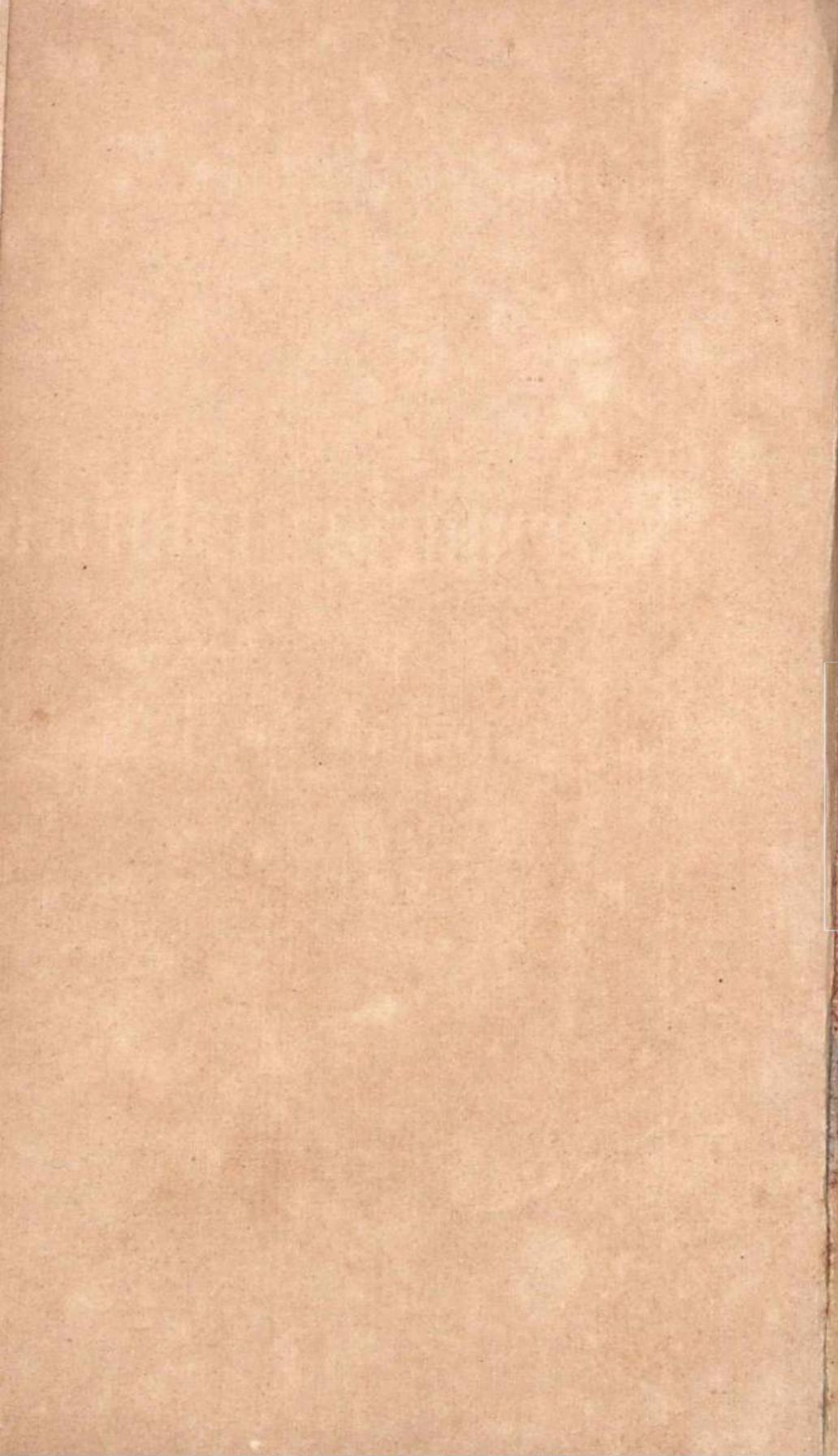
Anno de 1903



IMPENSÁ INDUSTRIAL

Rua do Visconde de Itaparica, N.º 49 e 51

Recife



C

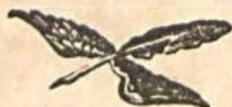
Dr. Phaelante da Camara

Memoria Historica

da

Faculdade do Recife

Anno de 1903



IMPRESA INDUSTRIAL

Rua do Visconde de Itaparica, N.ºs 49 e 51

Recife—1904

378.81
D172m
CESP (1904)

Ac 326394

Ex 8712999

ed. 2

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA

F 1724		
24	11	1949

Memoria Historica

Notas Preambulares

Senhores Deuteros

BIBLIOTHECA
DA
FACULDADE DE DIREITO
DO
RECIFE



AE provavelmente causar-vos estranheza o facto singularissimo de eu não iniciar este meu trabalho pedindo aos lugares communs da modestia a oração cerimoniaes com que é das velhas normas recorrer ás fontes da vossa benevolencia.

Intenso por natureza ás manifestações da hypocrisia no terreno da sciencia ou da religião, prefiro dizer-vos com desassombro que a falta dominante nessa especie de relatorios, annualmente feitos, dos factos occorridos n'esta Faculdade nos doze mezes transactos, consiste em se tornarem, por sua parcimonia, carecedores da vivacidade e dos attractivos peculiares ás boas chronicas.

Entretanto, já o decreto de 1854, impondo ás congregações das escolas superiores o dever de escolherem um dos seus membros que se encarregasse dessa honrosa commissão, preceituára: — “approvedo o trabalho será recolhido á Bibliotheca para servir de chronica da Faculdade.”

Si desde aquelle tempo a lei assim o eu-

tendia, não descobro o motivo por que se tem reduzido as nossas memorias, por um aferro musulmano aos moldes da rotina, ao simples aproveitamento de dados fornecidos, á ligeira, pela secretaria. Si estas memorias não podem conter curiosidades encantadoras, pedaços d'alma, lances sensacionaes, como, por exemplo, as *Confidencias* de Lamartine, que elle entregou chorando ao seu editor para não ser constrangido a desfazer-se da casa em que nascêra e á sombra de cujos pinheiros traçara as melhores paginas dos *Giron-dinos*, devem, no entanto, conter fragmentos de psychologia nacional, trechos da vida collectiva desse Instituto, por onde se possa julgar o quinhão que lhe cabe no desenvolvimento da consciencia juridica do paiz.

Não é que eu pretenda exigir de cada professor desta Escola um saber surpreendente, pela amplexidade e pelo detalhe, como o desse cavalleiro errante de Eça de Queiroz, que, enquanto tirava do bolso a charuteira, construia uma synthese profunda sobre a guerra do Peloponeso, e, ao accender o charuto, explicava o feitio e o metal da fivella do cinturão de Leonidas.

Tambem não é meu desejo talhar carapuças ao fazer o reparo supra, porque, si ha uma censura no meu asserto, esta envolve todos os que, ha dezenas de annos, têm escripto as memorias d'esta Faculdade, inclusive o meu saudoso amigo e mestre Tobias Barretto, que, aliás, possuia o condão, attribuido por Luiz Ulbach a certa gloria da França, de transformar um calhão n'um diamante e os fructos communs das arvores em que tocava nos mais bellos pomos de ouro.

Não se fez ainda a historia d'este Instituto por ser, talvez, empreza prematura; nenhum espirito

fecundo procurou reunir n'um estudo substancial os fastos d'esta Faculdade para que se possa verificar no futuro o seu poder de focalisação das ideias e dos costumes no seu quasi secular periodo de vida.

Quando este espirito surgir, não terá de recorrer aos subsidios deixados por nós n'estas memorias, que parecem todas creadas no regimen quaresmal das abstinencias fradescas, nos dias mortificantes dos jejuns.

Do ponto de vista da área geographica a historia d'esta Faculdade divide-se em tres phases: — a de Olinda, — a principio no claustro de S. Bento e, depois, no edificio alcandorado no patamar da ladeira do Varadouro; a do Hospicio, — ponto longinquo, a que em 1860 se referia o autor da memoria correspondente ao anno findo nos seguintes termos: — “um casarão inferior em commodos e condições hygienicas a qualquer dos nossos quartéis: se chove, um lago; se faz sol, um pequeno Sahára sem oasis; se venta, a phthysica e a pneumonia alli perto;” — e, por ultimo, a phase do Pateo do Collegio que, apesar de provisoria, ainda não terminou.

Relativamente à sua estructura organica se divide em quatro periodos: — o primordial, de 1827 a 1854, data da sua primeira reforma; — de então até o decreto faustoso do ensino livre, que foi, por assim dizer, a transformação da rede arterial por onde haveria de circular novo sangue; — o terceiro, de 1879 á reforma de Benjamin Constant, que lhe deu novos órgãos e, ao mesmo tempo, lhe refundio os velhos no intuito de adaptal-os ás novas funcções; — o quarto periodo, enfim, por onde se pode ajuizar da influ-

encia do actual systema de governo nas lettras juridicas, — da reforma de 1891 até hoje.

Com referencia ás suas modificações psychologicas, se bem que detalhadamente se deva levar em linha de conta as pequenas mudanças que lhe advieram das transferencias de local e do aperfeiçoamento physiologico, penso que em rigor se pode contar duas phases capitaes: — da sua fundação até à entrada de Tobias Barretto para o respectivo corpo docente, e d'esse dia auspicioso até á hora em que vos falle.

Vamos por partes. Da phase olindense que nos resta? Fundado este Instituto em 1827, de accordo com o decreto de 11 de Agosto d'aquelle anno, tenho *ouvido dizer* que só em Maio do anno seguinte começou a funcionar; mas não me souberam dar maiores informações, nem eu encontrei no archivo o documento comprobatorio do facto.

Em nenhuma das memorias que compulsei, de 1856 até hoje, foi-me dado o gozo intellectual de ler, mesmo a titulo de curiosidade, um bosquejo historico, uma vista retrospectiva sobre aquelle acontecimento aureo, ou com relação ás condições sociaes do meio. O Recife acabava de ser theatro de duas revoluções, no espaço de dez annos, e o espirito vivaz da velha democracia colonial ainda lhe pairava no ar.

Subjugado nas suas mais justas aspirações, como ao depois tem sido tantas vezes, o risonho burgo do principe de Nassau, talvez por um resto da tenacidade hollandeza que lhe ficou porventura levedando no sólo moral, conservára, sob a camada apparente de cinza, a braza de independencia civica que, no dominio das lettras, deveria expandir-se na hegemonia intellectual da Escola

recem-creada, e, no terreno politico, vinte annos depois, no assomo de rebeldia que ficará conhecido na historia pelo nome de *revolução praieira*.

A ideia de fundar a nova escola na antiga capital de Pernambuco, a cidade faustosa da aristocracia territorial do seculo XVII, o torrão em que Duarte Coelho lançára os alicerces das primeiras habitações, suspensas feericamente nas fraldas das collinas verdejantes, foi uma imperial homenagem ao velho character pernambucano estratificado alli, foi em obediencia ao desejo de escolher um recolhimento de paz espiritual para a juventude estudiosa, ou foi um meio de punir a intransigencia republicana do Recife?

Não vos posso responder, Senhores Doutores.

Certo é que a nova escola formou logo os seus fóros de corporação autonoma no desenvolvimento do meio social, com um sainete de exclusivismo que outros julgarão talvez exagerado.

Disse Aprigio Guimarães, na sua chronica de 1859, unica em que encontrei ligeirissimas referencias áquelle periodo escolar: "Olinda era para os cursos juridicos do Brazil a representação das velhas ideias portuguezas. D'ella podia-se dizer, pouco mais ou menos, o que de Coimbra disse o Sr. Freire de Carvalho, no seu *Primeiro Ensaio de Historia da Litteratura de Portugal*: — *Cidade cuja população diminuta e bisonha era caracterisada pela vivacidade de centenas de estudantes*. Alli, como acontece nas guarnições de praça, contrahia-se um espirito de corporação, formavam-se os primeiros enlaces da mocidade, e bem assim os seus primeiros principios, e com elles recebiam-se as primeiras ideias da profissão a que cada qual se dedicava: enlaces, prin-

cipios e ideias que têm grande influencia por todo o decurso da vida.”

Não foram, porem, as solidões de Olinda, como pareceu ao professor citado, as causas unicas d'aquelle exclusivismo, do espírito de corporação que alli reinou sempre.

O facto foi antes devido a causas internas, idiosincrasicas do estabelecimento, e á disparidade do meio social.

As primeiras estavam na circumstancia de terem sido nomeiados professores — quatro portuezes, além de brazileiros educados na Universidade da Velha Metropole; as segundas achavam-se no isolamento moral a que se viu reduzido o novo instituto, sem outro centro de instrucção na Provincia com que pudesse fazer a permuta de ideias.

Em comprovação do meu asserto, relativamente ás causas internas, encontro as seguintes reflexões do Sr. Barão de Penedo n'umas notas escriptas a pedido do nosso eminente patricio Dr. Joaquim Nabuco: «Olinda semelhava á antiga Coimbra, d'onde tinham vindo alguns brazileiros findar o Bacharelado. . . Menos a batina e o gorro da Velha Universidade foi tudo o mais trazido por esses primeiros incolas da Nova Academia, os costumes, os ditos chistosos ou cabalisticos, e até as denominações, que ainda hoje figuram, de *cafageste* e *futrica*.»

Para fazer a prova da segunda affirmativa basta uma vista de conjuncto sobre a sociedade pernambucana naquelle periodo.

A coercitiva politica do governo abandonára á flor do solo os destroços dos cadafalsos e a tradição do martyriologio dos republicanos; emquanto estes, morrendo, deixaram ficar nas cama-

das subterraneas da patria as correntes revolucionarias do *Contracto Social* de Rousseau e do jacobinismo de 89.

A magistratura occupada, na sua grande maioria, por juizes leigos, vendia a acção judicial ao dinheiro de autocratas que, á sombra da impunidade, alimentavam bandos de mercenarios para a defeza das suas estapafurdias prerogativas, ou, em outros termos, o consorcio fementido do direito com a justiça era muito menos ainda do que a amizade do cão com o gato. A religião, á parte o renome de que haviam gozado os reverendos Almeida Fortuna, Souza Tenorio e João Ribeiro Pessoa, era um apperitivo que só entrava nos banquetes dos Congregados do Oratorio e nas aneddotas picantes que se referiam ácerca dos conventos do Carmo, S. Bento e S. Francisco, tres contos, onde na opinião do autor das *Revoluções do Brasil* «se acastellavão a ignorancia, o atrevimento e a libertinagem dos costumes.» A convivencia de familias não existia, porque as damas se limitavam a ver a rua por detraz das venezianas, a sahir de longe em longe nas suas cadeirinhas tradicionaes, com as cortinas cerradas, tendo o privilegio do *habeas-corporis* ou o direito de locomoção ao ar livre sómente para fazer a visita espectacular ás igrejas na quinta feira maior ou assistir outros actos religiosos da semana santa.

Conhecidas as causas apontadas o espirito de corporação desta Faculdade em Olinda foi providencial, porque, em primeiro lugar, evitou o contagio do ambiente, e em segundo, si é verdade que a união faz a força, serviu para reagir contra os preconceitos e os crimes de um modo homogeneo e decisivo.



Os professores, porem, não estavam habilitados para grandes surtos.

Alguns teriam as noções solidas e a composição doutoral de Zaccarias de Goes ; a verbosidade encantadora de Autran ; o preparo resistente de Paula Baptista que, sendo um producto intellectual da Academia, um filho de suas letras, logo depois tomou lugar na Congregação com o brilho intenso do seu talento ;—a figura elegante e o nome do Dr. Nuno Aygue d'Avellos Annes de Britto Inglez que assombrava as populações ribeirinhas do Beberibe, quando, em altos brados, o escravo, avisando ao canoeiro que S. Exc. se achava prompto para embarcar, dizia emphaticamente, por extenso, a serie dos seus appellidos arrevesados ; as aptidões de Jeronymo Villela, que, alem de um compendio de Direito Ecclesiastico, nos deixou alguns documentos do seu estro, versos que, não revelando grandes vãos, são magoados, como as poesias escriptas no presidio de Fernando, onde o rebelde politico foi purgar as suas culpas, e satyricos, por vezes, do que nos dá exemplo a seguinte quadra de remoque ao predominio de certa familia pernambucana :

Os leões venezianos
Têm as azas no dorsal,
Os leões de *Caraúna*
Gravidade natural.

Outros teriam apenas o valor dos reverendos Chagas e Coelho que deixaram na chronica escolar daquelle periodo anedotas inesqueciveis. O padre Chagas conduzia para os pés da cadeira em que leccionava uma bolsa cheia de livros, e d'alli tirava o acepipe para todos os paladares,

lendo pachorrentamente paginas inteiras dos tratados. E si depois da aula os alumnos inquiriam delle, entre o serio e o comico, qual o ponto explicado, sua reverendissima zurzia-os com reprimendas que degeneravam n'um verdadeiro *charivari*.

Do padre Coelho conta-se, entre outras anedotas, a seguinte:—Os estudantes, n'um bello dia, escreveram pelas paredes da aula a phrase de Cambrene aos inglezes, com endereço aos dois lentes de batina. O reverendo bota os oculos no momento da prelecção, descobre os cartazes nas paredes, lê em silencio por cima da cadeira o seu nome em lettras garrafaes, e, disfarçando o embaraço, diz ao ver o nome do seu companheiro de tonsura escripto mais adiante:—*Homem, até para o Chagas!?*...

Os dois episodios citados indicam que o prestigio intellectual dos lentes no periodo olindense não poderia ter sido muito extenso.

Consistia no seguinte: alguns textos de Direito Romano, principios de Direito Civil, na lingua pouco acciada das ordenações do Reino, sob o imperio de Mello Freire, ligeiras diversões pelos principios politicos de Benjamim Constant, e, corroando o edificio, a influencia universal de Jermias Bentham.

Os rapazes, porém, faziam politica; auxiliavam a manutenção da ordem, como por occasião da *Setembrisada* em que o Recife foi brutalmente invadido pela tropa que o entregou á anarchia e ao saque; publicavam jornaes em tom jacobino; organisavam patuscadas nocturnas que eram verdadeiras copias das *soiças* de Coimbra, e faziam o possivel para manter na tradição o arremedo da Universidade portugueza.

D'este empenho é justo citar o seguinte. Nas antigas escolas de Direito de Constantinopla e Beryto, os alumnos de cada anno tinham nomes ou alcunhas particulares:—os do 1.º *Dupondii* por causa do minerval que pagavam; os do 2.º *edictales*, pelo facto de compulsarem os editos commentados por Ulpiano; os do 3.º *Papinianistas*, porque estudavam as *Responsa Papiniani*; os quarto-annistas eram chamados *Lytæ*, «palavra grega referente á solução dos enigmas da lei que propunham»; os do 5.º *Prolytæ* «por continuarem as disputas referentes ás Constituições imperiaes».

Com as reformas de Justiniano, diz Theophilo Braga citando Charles Girard, conservaram-se os titulos escolasticos, com excepção do relativo aos estudantes do 1.º anno que trocaram o nome offensivo de *Dupondii* pelo de *Justinianistas*.

Este costume, que passou para as Universidades da Idade Media, conserva-se na de Coimbra, onde os alumnos do 1.º anno têm o nome de *Novatos* e uma certa posição de inferioridade perante os segundannistas, (que aliás receberam um appellido *pouco euphonico*, que eu callo por decencia), os do 3.º *Pés de Banco*, e os do 4.º *Candieiros*.

Veio incontestavelmente para o Curso Juridico de Olinda esse costume de Coimbra, apenas modificado quanto aos alumnos do 1.º anno, que foram baptisados com o sobrenome de *calouros*, aos do 4.º, conhecidos por *quartãos*, e augmentado com o titulo honorifico de *bachareis* aos quintannistas.

Olinda não tinha os cedros da formosa Coimbra, «perpetuamente gentis», nem possuia o

encanto do musgo «reverdecendo nos agarves do castello e nas barbacãs da velha muralha medieval»; as pequeninas flores côr de ouro e as mauritanias côr de sangue não despontavam allí, como no tempo de Camões, «por entre as escuras pedras remotissimas do arco romano da *Porta de Belcouce*»; nem as boninas lhe cingiam a *Fonte dos Amores*, «como um cinto de vestal»; nem tinha aos seus pés o Mondego espreguiçando-se no seu leito de areias, «luzentes como pepitas de oiro»; mas, em compensação, tinha outros encantos a formosa *Marim*, debruçada sobre o mar do alto das suas collinas de esmeralda; o seu rio guardava tambem as lendas indigenas da primitiva gente que lhe povoou as ribas; e, si não tinha a grande ponte do Mondego, onde se davam *rendez-vous* os estudantes coimbrenses nas noites de luar, possuia a pequena ponte do Varadouro, por onde um braço do Beberibe desce, em cima de pedras, fazendo um doce murmuro de aguas correntes.

Junte-se as causas apontadas á topographia de Olinda, ás parecenças com a velha cidade portugueza influindo no animo de professores e alumnos d'alli chegados com o escriptorio das recordações, e teremos por junto os motivos do arremedo de Coimbra no *Curso Juridico*, da miniatura que nos ficou da Universidade Lusitana no velho edificio de S. Bento.



Com a transferencia para o Recife e, ao mesmo tempo, golpeada em alguns dos seus fóros pelo decreto de 1854, a Faculdade começou a perder o poderoso espirito de corporação, que, á falta de grande cabedal de sabedoria, constituiria

os seus braços no período inicial. Na memória citada, Aprigio Guimarães, referindo-se áquelle facto, assim se expressa: «O que perdemos com a mudança? um espirito de corporação, por assim dizer feudal, para ganharmos em toda sua plenitude o espirito que rege uma sociedade livre com a religião do Evangelho... Alli nas solidões de Olinda, com um feroz espirito de classe, havia soldados da cruz, é verdade; mas o socialismo discutia-se desassombadamente nos corredores de S. Bento, e os discipulos de Platão e Fenelon, pensando que o mundo era Olinda, imaginavam corrigir as leis sociaes de Deus».

Pondo de parte a incompatibilidade que o digno Professor descobria entre o socialismo e o Evangelho, quando o primeiro socialista d'este mundo foi Jesus, emprego esforços para reprimir os musculos do riso ante esse exdrixulo processo de fazer cahir a concha da balança para o lado dos seus prejuizos religiosos. Felizmente, o autor da memoria, tendo-se tornado o tribuno da juventude nas solemnidades academicas, não repetiu aquellas theorias na cadeira de Economia Politica que mais tarde regeu com tanto brilho.

Com a mudança, o carolismo invadiu a Faculdade, e enquanto os lentes iam ouvir os sermões de Frei Espirito Santo, mettidos nas opas da confraria de S. Pedro, os rapazes fundavam a irmandade do Bom Conselho e faziam em procissão solenne, com assistencia do Director e do Reverendissimo Bispo Diocesano, a transferencia da imagem para a Ordem Terceira de S. Francisco.

E a memoria historica d'aquelle anno, omissa em cousas do ensino, pormenorizou aquella cerimonia religiosa, com um zelo meticoloso e um

tom beato, que eu cheguei a pensar que aquillo era uma chronica de convento e não um trecho de nossa vida escolar.

Era o tempo em que o Dr. Braz Florentino escrevia contra o casamento civil um tratado que fez epocha nos centros catholicos e obteve para o seu autor o consolo espirital de receber cartas laudatorias de todos os prelados do Brazil, inclusive o Arcebispo da Bahia.

Em todo caso, a esphera do saber crescera com alguns novos livros francezes, e Troplong começára a fazer as despezas intellectuaes dos mestres no Direito Civil.

Desde que no Brazil se poude ler em francez a obra de Savigny, o grande jurisconsulto allemão deixou de ser um mytho para um ou outro dos nossos professores mais estudiosos. Por outro lado estava em uso a facundia nas prelecões, e o padre Ventura de Raulica, com os discursos palacianos na Igreja da *Notre Dame*, em Paris, desprendera a lingua de muita gente.

Confiava-se muito menos no vigor da sciencia do que nos effeitos decorativos da phrase, nos fogos de artificio da palavra.

Haviam os palradores, os que tenorisavam na cadeira, euramando o espirito com filigranas, e não admitindo que a sciencia pudesse accomodar-se na concisão dos philosophos gregos.

Existia ainda grupo dos que, não possuindo a plastica do estylo oratorio e não podendo engrimponar-se nas eminencias de uma nomeada bem acolhida, se entrincheiravam na muralha chinesa da intolerancia, no reducto invencivel do espirito de seita.

Periodo moroso de carrancismo, de que Me-

nezes Drummond e Trigo de Loureiro foram os maiores representantes.

Verdade é que o espirito alegre dos rapazes, e brejeirice de alguns desabusados lhes desmanchavam por instantes a cathegoria.

Trigo de Loureiro, apesar do terror panico que causava aos alumnos, teve de encontrar-se mais de uma vez com um d'esses estroinas no seu caminho. Quanto ao outro, quem se encarregou de soprar-lhe um pouco do pó branco do ridiculo sobre a sua irreprehensivel sobrecasaca preta, foi o seu proprio sobrinho—o talentoso pernambucano Gaspar de Drummond Filho.

Chamado á lição começa a improvisar um ponto de Direito Civil e a dizer heresias nas barbas do seu tio e mestre.

O velho mexeu-se na cadeira com impaciencia, até que, lhe não soffrendo o animo, perguntou ao sobrinho e discipulo:

—Onde aprendeu isto, Sr. Gaspar?

—No Pothier, Sr. Dr.

—Como assim, em que obra? e havendo o alumno insistido, Drummond, voltando-se para o bedel, mandou pedir ao Bibliothecario toda a collecção de livros do celebre civilista francez, dizendo com arrogancia:

—Ha de mostrar onde leu taes cousas.

—Perdoe-me V. Exc., replicou o discipulo, não é o civilista a que se refere, é o meu amigo e collega Francisco Pothier Rodrigues Lima que se assenta ao meu lado.

E a hilaridade geral da aula poz termo ao incidente.

Houve, é certo, de 1864 a 1870, o periodo brilhante da *poesia condoreira*, de que o corpo discente recolheu toda gloria merecida.

Foi o tempo de fermentação do espirito brasileiro por motivo da repulsa aos insultos do Paraguay. A intelligencia juvenil associou-se ás armas guerreiras; as hostes athenienses confraternisaram com as legiões de Sparta. Entretanto o ponto de vista da congregação não mudou. De toda a phase em que esta Faculdade esteve no velho pardieiro da rua do Hospicio, restam-nos os trabalhos de Mendes da Cunha, Braz Florentino, Silveira de Souza, ha muito esquecidos, bem como os compendios de Aufran, Joaquim Villela, Trigo de Loureiro, Pereira do Rego, Paula Baptista, havendo somente o do ultimo conseguido viver até hoje, em toda plenitude dos seus credits, por ser, na sua especialidade e attento a pobreza da materia no Brazil, uma verdadeira obra prima. Quando em 1874, o Dr. Sylvio Roméro se inscreveu para a defesa de theses, encontrou o famigerado espirito de seita oppondo-lhe barreiras.

A lôba crescera, estava no apogeu da força e da raiva. O illustre sergipano deu-lhe o primeiro assalto na questão que se originou do facto de ter S. S. affirmado que a *metaphysica estava morta*. Por aquella frincha entraram as primeiras noticias do positivismo e as theorias heterodoxas de Littré, principalmente, foram se apoderando de alguns espiritos juvenis.



Somente depois do concurso esplendoroso de Tobias, em 1882, o que coincidiu com a transferencia da séde da Faculdade para o edificio em que nos achamos, a invasão das novas ideias se fez em toda linha.

O darwinismo sentiu-se á vontade na congregação e nos bancos academicos.

O compendiosinho de Autran, até então o cateclismo que os professores impunham, logo no limiar do templo da sciencia, aos estudantes do Direito Natural, foi atirado ao esquecimento Ahrens, Taparelli e outros que por tanto tempo forneceram o *ménu* intellectual aos jovens de Ulpiano, viam-se de repente apeiados do altar por Tobias e os seus discipulos. Encorporaram-se ao grande sergipano dois professores—José Hygino e João Vieira—apparelhados com os novos methodos—o primeiro, na philosophia de Spencer, o segundo na escola italiana do Direito Criminal chefiada por Lombroso.

Pela primeira vez ouviu-se n'aquelle recinto cousas d'este jaez no Direito Natural: «o estado é uma individualidade polymorphica, mudando de typo conforme as condições ethnicas, mesologicas, culturaes, ou segundo o tempo e a arca geographica»; e deste quilate no Direito Penal: «o priminoso, por suas anomalias organicas e psychicas, hereditarias e adquiridas, é uma variedade especial do genero humano».

Certo é que si os velhos representantes do espirito vêsgo de seita comprimiam os narizes para não sentir o cheiro de enxofre d'aquellas theorias diabolicas; si o rancor d'alguns discipulos de S. Thomaz descobria a mão do demonio n'aquella obra demolidora, em todo caso não se ouvia um protesto, nem o mais ligeiro signal de resistencia das forças reaccionarias no corpo docente.

A praça fôra abandonada, e os rapazes, n'uma patrulha que se tornou celebre e de que faziam parte—Clovis, Martins, Gumercindo Bessa, Oliveira Telles, Cesar Monteiro, João Freitas, Hygino Cunha, Alfredo Pinto, Viveiros de Castro, Anisio de Abreu, Thomaz Gomes, José Carlos, Clau-

dino dos Santos, Pereira Simões, Fausto Cardozo, Urbano Santos, Benedicto Leite, Virginio Marques, Alcedo Marrocos, Carlos Porto Carreiro, João Bandeira, Germano Hasslocher, Methodio Maranhão, Fernando de Castro, e, no ultimo plano, o auctor d'estas linhas,—encarregaram-se de fazer a ronda nas ameias da Fortaleza conquistada.

Foi verdadeiramente o que se pode chamar a idade de ouro d'esta Escola.

Em Abril de 1883, poucos mezes depois da nomeação de Tobias, Martins Junior fundava a *Folha do Norte* em companhia de Francisco Campello e Phaelante da Camara. Em breve o escriptorio da rua das Lorangeiras tornava-se o centro intellectual da Academia, reunindo em ruidosa convivencia a fina flôr da mocidade.

Alli Arthur Orlando publicava, entre outros, um estudo de psychophilogenia a proposito dos *Estudos allemães*, ainda humidos do prélo, e sob o titulo *A Alma da Mulher Russa*; Clovis Bevilaqua escrevia sobre a Introducção á *Historia da Litteratura Brasileira*, de Sylvio Roméro, e uma série de artigos a respeito do seu *Ponto de Vista Philosophico*; Gumercindo Bessa, possuindo já o espirito e a educação de philosopho, occupava-se de Eduardo Hartman e a sua *Philosophia do Inconsciente*; Cesar Monteiro discreteava a respeito das theorias de Darwin; Anisio de Abreu relativamente á *Sciencia e Theologia*; Hygino Cunha dava em folhetins a synthese historica da Philosophia; João Bandeira dissertava sobre a conveniencia inadiavel de ser applicado o methodo experimental para resolver todas as questões que dizem respeito ao homem e á sociedade.

Publicavam-se folhetos de combate em prosa e verso: *A Poesia Scientifica*, de Martins Ju-

nior; as *Verdades ao Sol*, de Phaelante; uma carta, em alexandrinos, de Anisio de Abreu ao Conselheiro João Alfredo, em favor dos escravos; o *Escalpello* o *Microscopio*, o *Micrographo*; outros folhetos de critica litteraria e philosophica; jornaes republicanos e abolicionistas; conferencias sobre as theorias de Littré e Darwin, e a respeito da influencia de Victor Hugo na poesia occidental; uma polyanthéa em homenagem ao sabio portuguez Theophilo Braga no dia em que elle completou quarenta annos.

As rosas, porém, tinham os seus espinhos. Um grupo de rapazes de que foram principaes—Felinto Bastos, Pedro Vergue, Cyridião Durval—o poeta ruidoso das passeiadas academicas,—Cardoso de Castro, Adalberto e Wenceslau Guimarães, Salles Barbosa, não commungavam na missa de nossas ideias. D'ahi a lucta, as dissensões, as censuras, umas justas, outras acerbas. Folheto que eu publicasse, era arrastado, como uma rêz gorda, para o matadouro da critica. *O Capitão Villebray*—um mascarado, o responsavel pelas opiniões do campo adverso, surgia sempre na imprensa contra as minhas pobres poesias a moel-as de pancadas, e, apesar do tom irritante, ás vezes tinha graça ao referir-se aos meus senões de poeta. Fez a *viagem á roda dos Tentamens*, n'um folheto, e como, na carta escripta para aquelle meu livrinho de estreiante, Martins Junior, referindo-se ao descredito dos prefacios, tivesse fallado em *ouvertures* e *symphonias litterarias*, o *Capitão* aproveitou o caso para escrever uma phrase de espirito. No verso da primeira pagina do seu folheto lia-se o seguinte aviso ao leitor:—«Deixa de haver *symphonia litteraria* por se achar doente o maestro Izidoro».

Entretanto, iamõs por diante, esgrimindo a penna com dezassombro. Havia um espirito cavalheiresco servindo-nos de couraça, e, para ser completo, tivemos o nosso paladino nas armas—o teuto rio-grandense Germano Hasslocher—o duellista da Faculdade. O centro de resistencia, porém, era a *Folha do Norte*. Foi alli exclusivamente que os maroiços reaccionarios dos reverendos da *Civilisação*, diario maranhense, encontraram o quebra-mar dos novos principios, os arrecifes levantados pelo espirito liberal da juventude.

Foi alli que se organisou a phalange em defeza de Tobias. Entretanto não era somente contra os padres catholicos que esgrimiamos. Os de outros cultos, mais ou menos respeitaveis, mereciam tambem surriadas do nosso ridiculo, *verbi gratia*, os da igreja positivista. Um nosso distincto condiscipulo Francisco Peixoto Lacerda Werneck, espirito de recursos intellectuaes e virtudes de luctador, prematuramente roubado ás lettras patrias pela morte, declarou-se positivista orthodoxo, e, tendo convocado uma reunião de adeptos da doutrina, em predio de antemão designado, encontrou-se com as cadeiras vasiaas mal podendo resistir ao comico do caso. Um companheiro de nossas tertulias levou a ridiculo o episodio na *Folha do Norte*. O moço positivista que era intolerante como um catholico do *Syllabus—extram ecclesiam nulla sallus*—abespinhou-se com as facecias e, esquecido das doutrinas do Mestre, trouxe á imprensa toda a sua furia concentrada.

Sahiulhe ao encontro Carlos Brandão, um talento dos mais possantes d'aquelle periodo, e em nome da grande maioria disse, entre outras cousas, o seguinte :

«Nenhum resultado serio me póde advir da contenda. Não estou, nunca estive no gozo do *celestial* privilegio de commungar na *mania anthropocentrica* a que o Sr. Peixoto serve de echo, nem o considero na altura de manter a defesa de um systema philosophico, que, sobretudo, na sua parte *cultural*, tem menos originalidade e é menos fecundo de que muitos outros systemas *fosseis* emanados dos grãos inferiores da cultura humana. Como bibliophilo dou mais apreço ao *Mahabarata*, que é uma condensação das magnificas epopeias da civilisação primitiva, do que á *Philosophia* de Comte, que H. Taine, um vigoroso espirito, não lograra aturar além do segundo volume por julgal-o uma leitura *arida, monotonna* e *esteril*. Da mesma forma julgo mais divertido o Dalai Lama dos penitentes do Thibet do que o *Grande Sacerdote* dos tres apostolos da synagoga da rua *Monsieur Le Prince*, n.º 10.» Havia, talvez, audacia nos conceitos e no tom da discussão, mas eramos assim iconoclastas naquelle tempo, e d'ahi porventura a alcunha que tivemos de *petroleiros*.

O facto é que, por essas e outras, o espirito de seita desaparecêra do corpo docente. Quanto a mim, lembro-me do seguinte episodio comprobativo de que, si elle ainda existia alli, dispunha de bastante pudor para deixar de apresentar-se armado em guerra no meio em que fôra vencido. Foi no exame do meu 3.º anno. Presidia a banca o Conselheiro Aguiar, cathedratico de Criminal, no periodo franco da velhice, com o flacido rosto açafreado pela molestia e mettido no caixilho de uma pequena barba branca. Na qualidade de presidente da commissão examinadôra o conselheiro não arguia na sua cadeira, substituiu-

do-o o Dr. Tobias. Coube-me á sorte um ponto sobre as *causas de formação da sociedade humana*, não me recordando eu agora de todo o enunciado. Feita rapidamente, como a lingua n'aquelle tempo me ajudava, a synthese dos periodos telluricos até o apparecimento do homem, companheiro dos megatherios e mammouths, descendente d'esses animaes prehistoricos cobertos de pello, com a barba commum aos dois sexos, e armados dos grandes dentes caninos que deviam servir aos machos de armas de combate, disse que a sociedade se originára, pura e simplesmente, do instincto de defesa na lucta pela vida. Durante o tempo do exame, o Conselheiro Aguiar coçava a face esquerda com o dedo indicador da mão direita, emquanto as primeiras phalanges dos outros dedos se achavam dobradas sobre a palma, e a sua physionomia modificava-se n'um risosinho difficil de traduzir como um papyro egypcio.

Era, no emtanto, o signal caracteristico, segundo a tradição academica, do seu aborrecimento com o discipulo insubmisso ás doutrinas da cadeira, e o sussurro discreto, que eu ouvia nos bancos do auditorio, dava-me a certeza da pena que aos meus collegas infundia a minha sorte de examinando no proximo julgamento.

Grande, pois, foi a minha surpresa, quando, no correr da prova de Direito Civil, não tendo comprehendido bem uma pergunta do lente respectivo, começava a perturbar-me, o conselheiro, n'um tom de bondade que ainda hoje não se me apagou da memoria, interrompeu-me para dizer: —“Reflecta. Os seus examinadores, conhecendo-o bastante, não precisam d'esta prova para julgal-o. Este exame é apenas em obediencia a uma formalidade legal.”

Desculpae-me, Srs. Doutores, a referencia de um incidente em que fui parte.

Tendo feito com independencia o *croquis* d'aquelle periodo, pareceu-me do meu dever não occultar um facto que põe em alto relevo o espirito de um antigo professor d'esta Faculdade, de um velho que, não podendo mais tomar parte na liça por lhe faltarem os novos utensilios, não dava o triste espectáculo de bracejar no vacuo contra a corrente vencedôra.

Da ligeirissima synthese, Srs. Doutores, feita ás pressas no receio de roubar por mais tempo a vossa preciosa attenção, verifica-se que, na vida intellectual d'esse Instituto, se destacam claramente dois periodos. Um é a encarnação do velho espirito mazorro no ensino, das letras de leguleios em vez dos principios philosophicos, dos processos antigos com um saibro coimbrão inconfundivel, de genuflexões orthodoxas a Deus no ceu e ao rei nosso senhor na terra, calafetando-se as frinchas das portas para que não entrasse por ellas o vento de heresia e de insubordinação intellectual que reinava lá fora:— é o periodo das apostillas, dos compendios, dos representantes casmurros de seitas, que tinham uma bola preta, incondicionalmente, para os que discrepassem do *magister dixit*, da opinião vencedôra no ambiente official.

O outro é caracterizado pelo descredito das sebtas; pela tolerancia, por esse sôpro vivificante das novas ideias, pela systematisação do ensino, pelo baptismo triumphal do Direito na corrente do monismo, que lhe despiu as vestes hieraticas e lhe deu apenas a toga patricia com que se ornaram as sciencias congeneres.

Um é o empirismo feroz dos tempos idos,

com raizes profundas nos preconceitos religiosos e nos prejuizos monarchicos do direito divino, fazendo, quando muito, o estudo exegetico das leis e pondo á banda toda a engrenagem dos methodos philosophicos; o outro é o estudo consciencioso da mechanica social, das condições mesologicas, das hereditariedades e atavismos dos povos, dos factores physicos, anthropologicos e sociaes, sem o que não é possível comprehender a physio-psychologia do Direito.

Um é o morcego que, na solidão da noite, se alimenta de azeite no estreito ambito da lampada sagrada; o outro é a aguia que encara corajosamente o sol no cimo da montanha alpestre.

Pois bem: que nos ficou d'esses dois periodos nas memorias historicas?

Leindo-as todas, successivamente, vós não podereis saber, a não ser por pequeninos incidentes caseiros e pelos nomes dos autores, o anno a que se referem. Tão semelhantes são umas ás outras, "como as medalhas antigas a que a patina do tempo usou os cunhos."

Embalde se procurará a feição da Academia de Olinda, a linha que lhe foi peculiar e ficou na tradição escolastica, o typo grotesco de certos lentes—de casaca verde garrafa, collete de xadrez, calças de ganga amarella e gravata *á deux tours*,—como será inutil fazer pesquisas ácerca dos que sahiram das linhas communs, surgindo no pleni-lunio da intelligencia, com as sensibilidades de homens da lei, o temperamento de humoristas vasado nas criticas ao meio social, ou as predilecções, a volubilidade do diletantismo, o refinamento das elegancias que, porventura, tivessem causado a admiração da mocidade secia.

Sabemos que foram lentes d'esta Faculdade

José Bonifacio e Zacharias de Goes: o primeiro, que se tornou mais tarde o famoso lente de S. Paulo, o patrono inspirado dos escravos, o apostolo da eleição directa, o orador melancolico que desferiu, ao morrer, o ultimo canto da tribuna parlamentar do Imperio; o segundo, o austero bahiano, que retalhou a carne dos adversarios com a mordacidade das suas satiras, e em 1868 se retirou de S. Christovão, deixando o poder moderador descoberto na questão Torres Homem. Que resta de ambos n'esta Faculdade? A respeito do primeiro leio na memoria de 1859 a seguinte referencia desacompanhada de todo louvor ou mesmo de alguma das palavras convencionaes nas despedidas communs: — *Por decreto do governo imperial foi removido para S. Paulo o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva* —; quanto ao segundo, além da noticia, inserta na chronica do anno respectivo, n'estes termos: *Foi jubilado o nosso collega Dr. Zacharias de Goes e Vasconcellos*, — resta um retrato n'esta sala, oscillando o meu espirito n'uma duvida cruel ao procurar saber si o facto representa uma justa homenagem ao professor de Direito ou barretada ao que foi depois duas vezes Presidente do Conselho de Ministros do Sr. D. Pedro 2.º.

✓ Houve n'esta Faculdade um professor que foi, por assim dizer, o ponto de intercessão entre o velho typo academico e o novo, o élo que liga os dois periodos, — e se chamou Aprigio Guimarães.

Foi elle quem, antes da revolução operada por Tobias no terreno dos principios, começou a modificar a feição moral d'este Instituto, por suas ideias liberaes e principalmente pelas sympathias

que irradiavam da sua personalidade. Não tomava a pitada classica do rapé de Xabregas, nem tinha o pigarro sensacional no momento de iniciar as suas prelecções. Admittiu no seu lar distincto a convivencia alegre dos discipulos, rompeu com o preconceito de não cortejar os alumnos na aula, e, ao subir a cadeira de mestre, dizia-lhes carinhosamente: — « Bom dia, meus jovens collegas »! — Com os seus ares sinceramente democraticos fez desaparecer os habitos de certo professor que se sentava nos bancos lateraes da antiga ponte da Boa-Vista para tomar nota dos estudantes que andavam á noite passeando *au clair de la lune*; e, por tudo isto, se tornou o idolo da mocidade, o seu paranympho nos dias solemnes, tendo recebido ainda mais, como testemunho de amizade filial, o tratamento de — *velho Aprigio*, — doce qualificativo que, na phrase do talentoso quintannista que lhe foi levar, á borda do tumulto, as despedidas saudosas dos condiscipulos, — « só se confere aos paes e aos bemfeitores. »

Que resta n'esta Faculdade d'aquelle grande reformador dos nossos costumes escolasticos? Na memoria historica do anno em que falleceu, um seu collega lamentou-lhe a morte, n'um estylo que provavelmente se vestiu de luto, com algumas palavras obrigadas contra a impiedosa parca e um brocardo erudito na lingua de Seneca.

Eis tudo o que officialmente lhe teria cabido porventura na inventariação do seu patrimonio intellectual.

No velho edificio da rua do Hospicio, nas vesperas de ser mudada a séde d'este Curso, deu-se um grande acontecimento que reformou os alicerces do ensino do Direito neste paiz: foi o certa-

men realisado por Tobias para conseguir um lugar de lente substituto.

Pela primeira vez ouviu-se n'aquelle recinto que ainda guardava, como reliquia santa, a austeridade ultramontana de alguns professores, os nomes de Heckel, Noiré, Herman Post, Bluntschli, Gneist, Mohl, Holtzendorff; pela primeira vez fallou-se alli na *Lucta pelo Direito*, na theoria das alavancas sociaes, no cosmos juridico, tudo isso proferido com um ar de rebeldia fóra das normas consagradas, e um descaso pelo ponto de vista cathedratico a respeito das diversas materias sujeitas a debate, que fez transbordar, de modo ainda não visto, a medida de aferir a capacidade dos concurrentes.

Que ficou d'aquelle certamen nos annaes d'esta Faculdade ?

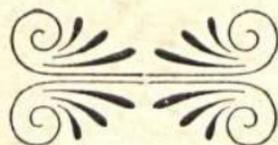
A chronica do anno fez com certeza allusão ao facto, deu conta do apurado na votação dos lentes, da escolha imperial, mas não nos deixou o *compte rendu* das sessões, o resumo d'aquelle torneio da intelligencia, por onde se possa no futuro ajuizar das causas primordiaes do predomínio que exerceu o valoroso *teuto-sergipano* no animo da juventude contemporanea.

Eu sei, Srs. Doutores, que a seriação historica dos factos occorridos n'esta Faculdade não ha de ser feita sómente com os subsidios das chronicas de cada anno. Para a formação integral da Historia d'este Curso, concorrerão tambem os papeis officiaes da secretaria, os livros depositados no archivo, os depoimentos de pessoas idoneas, a tradição oral que se forma sem *arrière pensée* no correr dos tempos, — as criticas e as referencias escriptas ou verbaes que o despeito ou a sympathia tiver suggerido ; mas não

resta duvida que essas memorias, sujeitas à vossa inspecção, representam a fonte principal pela sua procedencia, pela categoria dos seus auctores, e por um conjuncto de circumstancias que as devem tornar dignas do maior credito.

Não pareça, entretanto, que assim entendendo me julgue nas condições de desempenhar a tarefa, pintando o quadro historico do anno transacto com a amplitude da moldura que acabo de traçar.

Conheço as escabrosidades do meu dever n'este caso, e desejaria poder cumpril-o rigorosamente ; mas não é menos certo que me faltam a percepção do psychologo, os cambiantes do estylo e o encarniçamento slavo com que os romancistas russos se prendem aos pormenores.



Exercício do Curso *yo Jo Jo Jo Jo Jo*



Ausente, Srs. Doutores, d'esta Faculdade durante todo anno lectivo, apenas posso dizer-vos que o curso se fez normalmente, com a competencia que era de esperar da idoneidade dos professores.

Foi sempre desejo meu dar-vos esclarecimentos, compatíveis com as minhas aptidões, acerca do regimen escolar, do aproveitamento dos discipulos, das peculiaridades, predilecções, séstros de cada professor, fornecendo notas de rigorosa exactidão sobre os methodos seguidos, ou o systema philosophico e os processos praticos do ensino em cada cadeira, tudo isto observado pacientemente em varias visitas ás aulas.

Entendo que só assim poderia ter cumprido o meu dever, prestando um pequeno serviço aos meus doutos collegas que exercem o magisterio do modo mais louvavel. Seria realmente boa occasião de fazer-vos um resumo do que tivesse testemunhado, *kodakisando* a scena como me fosse possivel, de modo a fornecer-vos e aos vindouros um trecho da nossa vida intellectual, embora descripto pelo mais obscuro dos vossos collegas.

Não seria, por exemplo, sensaborão deixar n'um documento d'este as impressões de uma visita á aula do nosso collega Dr. Clovis Bevilacqua, dignissimo professor de *Legislação Comparada*, e descrever o espectáculo d'aquella erudição copiosa reduzir-se ao objectivo do programma, como as aguas de uma fonte volumosa, desdobradas n'um lençol sobre a planicie, accommodam-se depois na garganta de uma rochia; dar-vos o *compte rendu* da aula do Dr. Augusto Vaz, apaixonado pela sua profissão, discreteando sobre a these:—a quem compete o onus da prova?—e a respeito da *theoria das acções*,—ou organisando exercicios praticos em que os seus alumnos aprendam verdadeiras noções de praxe forense, tudo isto com o calor do seu temperamento, e, talvez, com um pouco do predominio nevrotico que explica as emoções do pintor diante do seu quadro ou do estatuario em frente ao bloco de marmore de que vae surgir triumphante o seu sonho de gloria; contar-vos as impressões que me houvesse dado na sua cadeira de *Direito Internacional*, o nosso collega Dr. Meira de Vasconcellos—que tem n'alma o ardor de um tribuno, embora os cabellos brancos precoces cubram-lhe a fronte, como no inverno cobrem-se de neve os cimos dos vulcões—deixando-se arrastar na onda murmurosa da sua eloquencia que é verdadeiramente o *flumen orationis* a que se referia Cicero, mas um rio equatorial, transbordando do seu leito, e uma vez por outra, no correr da hora, suspenso nas represas dos applausos unanimes dos ouvintes.

De uma visita á aula criteriosamente regida pelo nosso collega Dr. Constancio Pontual, que tem a súsudez de um apostolo sem excluir a mais

rigorosa elegancia na escolha da phrase, recolheria elementos que no futuro servissem de roteiro aos espiritos curiosos de conhecer a maneira brilhante por que foi inaugurado n'este curso o ensino medico—legista.

Dar-vos-ia noticia da aula de *Direito Civil*, sob a irradiação do espirito esclarecido e methodico do Dr. Cirne, sempre de humor satisfeito, amenizando a aridez da materia com o chiste da sua palavra facil e empolgante, como, *verbi gratia*, na explicação do brocardo latino:— *pater is est quem justæ nuptiæ c'emostrant*; e instruir-vos-ia relativamente á cadeira de commercial, regida pelo nosso collega Dr. Adelino Filho, typo correcto de professor pela contextura resistente do saber e nobreza de character, armado intellectual e moralmente para o exercicio do seu cargo, de maneira a fazer honra a qualquer estabelecimento d'esta ordem. Com os melhores intentos percorreria toda a escala dos cathedrauticos e substitutos que no anno transacto estiveram em exercicio de cadeiras no periodo das aulas.

Assim vos fallaria de Gomes Parente explicando as materias de seu curso com o senso de um espirito formado na escola da experiencia; Netto Campello, esclarecendo os textos romanos com o desvello de um Champollion traduzindo cuneiformes; Tito Rosas, sustentando o seu ponto de vista com a rebeldia de sertanejo que elle trouxe no sangue oxigenado pelas auras livres de sua aldeia natal; Clodoaldo de Souza, character moldado nos lineamentos romanos, arrojando-se nas hyperboles de suas comparações eloquentes; Oliveira Fonseca—esse garimpeiro que se apraz em andar fazendo excavações nas jazidas opulentas de jurisconsultos reinóes para descobrir as joias

soterradas pelo tempo; Milet, deixando transparecer nas suas palavras a exuberancia da sua compleição apopletica; Pereira Junior, percorrendo os capitulos da nossa lei fundamental á feição intelligente de sua facilidade expositiva: Laurindo Leão, nos arroubos da sua eloquencia condoreira, fazendo o computo das leis do evolucionismo; Gervasio Fioravanti, imprimindo ás suas prelecções a suavidade dos seus sonetos; Virgínio Marques, pondo em campo a dialectica cerrada, que é a sua clava de professor; Sophronio Portella, por gosto pela sobriedade, preso á concisão da phrase sem atavios, das regras exactas e das definições que elle julga naturalmente a "synthese das analyses"; e, por fim, Estevão de Oliveira, o adoravel companheiro que, ainda a pouco, desapareceu no melancholico rio das sombras, esse vigoroso athléta, deixando-se arrebatado pelos enthusiasmos que o tornaram um dos mais estimados oradores dos comicios pernambucanos, bordando as suas prelecções de aneddotas, de phrases chistosas da giria popular, na abundancia d'essa veia comica que foi tão do seu temperamento e é um predicado de nossa raça.

Iria assim, despretenciosamente, sondando as aptidões de uns, as virtudes de outros, n'um tom de boa camaradagem que de modo algum exclue a justiça; mas deveis confessar que me serve perfeitamente de excusa a circumstancia da ausencia a que fui obrigado.

Sinto devéras, Srs. Doutores, não ter podido realisar o meu desejo, nem mesmo ouvindo particularmente de cada collega suas opiniões ácerca das materias que ensinam, o methodo que adoptam, as escolas que seguem, porque, infelizmente, a situação pecuniaria de cada um de nós, não

permite longos lazeres para essa prodigiosa gymnastica do espirito que é a palestra scientifica.

Mal remunerados como são, os professores não destinam á Faculdade sinão o tempo necessario ao exercicio do magisterio, deixando o chapéo no cabide enquanto sóbem á cadeira para leccionar, e pondo-o á cabeça de novo logo que a hora legal se exgotta, porque elles precisam ganhar a vida na advocacia, na lavoura, na industria e mesmo em pequenos negocios que, si lhes não augariam nomeada, lhes fornecem honradamente o pão da subsistencia.

A conversa é, de facto, uma prodigiosa gymnastica do espirito, é um magnifico transmissor das ideias, um grande agente na permuta dos conceitos, e foi o apanagio dos povos livres e felizes na antiguidade.

A linguagem foi n'outros tempos o maior vehiculo do progresso, da communhão dos povos, da alegria dos lares, do entrelaçamento miraculoso d'essa rede universal de regras e costumes que é a civilisação.

Por ella vamos além das mais longinquas lendas e tradições até o valle do Nilo e as encostas da Mesopotamia; com o seu auxilio pacientes indagadores abrem picadas nas galerias do solo prehistorico, mesmo além dos tempos revelados pelos antigos cemiterios dos povos anonyms, pelas armas de silex, pelos ornamentos, habitações lacustres, « todos estes estadios de uma civilisação rudimentar que a archeologia tem descoberto. »

Si assim succede com os utensilios restantes da linguagem dos povos no primeiro degrão do progresso, imaginae o contingente que pode trazer

a linguagem viva, articulada nobremente por espiritos consciõs dos seus deveres.

Veio a imprensa que fornece a leitura dos livros, no silencio do gabinete, e dos jornaes, no rumor das ruas; descobrio-se a maravilha do telegrapho; organisou-se o serviço dos correios; e, apesar de todos esses elementos de progresso, a conversação não perdeu ainda sua influencia nos meios cultos. Em todo caso, porém, só os espiritos libertos das necessidades quotidianas, só os que se acham tranquillõs a respeito dos seus haveres, só os que possuem a paz do espirito produzida pela tranquillidade resultante da abastança relativa, podem despender as provisões do humorismo em palestras litterarias ou scientificas.

Seria de primeira necessidade que os professores de uma escola superior se achassem diariamente reunidos n'uma tertulia substancial e proveitosa, onde, além dos laços de camaradagem, se formasse a teia mysteriosa das solidariedades intellectuaes e da religião stoica do civismo; mas seria preciso antes de tudo que o Estado os indemnisasse por esse devotamento, de modo que o precioso tempo aqui empregado no commercio gratuito das lettras não fosse um roubo á familia.

Não ha, portanto, entre nós, apesar do espirito de concordia aqui reinante, e, direi mesmo, de fraternidade, que nos alimenta, o centro litterario animado e refundido pelos estimulos da conversação quotidiana, em que ande em irradiação continua o ponto de vista scientifico de cada professor e o regimen que adopta na regencia de sua cadeira.

Entretanto, Srs. Doutores, uma cousa eu noto com desvanecimento no circulo dos profes-

sores d'esta Faculdade : é a absoluta confiança na sciencia que professam.

Não crêm n'esse grito lamentoso que sae da bocca de homens desalentados: « A sciencia fez bancarrota !!!... »

Acreditam nas leis do progresso, aliás sem a ponta de ironia de Anatole France que, jurando crer na evolução humana, affirmava existir em psychologia, bem como em physica, uma lei de gravidade que nos prende ao velho solo, e, n'um tom mofador, concluia o seu raciocinio assim: « Esta manhã, ao passar na rua, vi pedreiros que construïam uma casa e levantavam pedras como os escravos de Thebas e Ninive. »

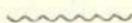
Os lentes d'esta Faculdade não têm o desalento dos primeiros, nem a ironia mofadora do chronista mephistophelico que tem dado por tanto tempo a nota sensacional do jornalismo Parisiense.

Têm confiança nos resultados colhidos amplamente no vasto dominio dos conhecimentos humanos e não receiam de repetir o trecho seguinte de Paul Bourget: « No meio dos escombros universaes uma arvore irrompe, cuja vegetação luxuriante redobra de vitalidade n'essa pay-sagem de morte. Essa arvore, de frondação copada e sempre rejuvenescida, é a sciencia. Somente ella não mentiu aos seus devotos. Que digo eu? Ella ultrapassou as esperanças mais ousadas. »

É esse espirito, tonificado pelo sangue novo que gira nas arterias do Direito, é que dá aos nossos collegas o estimulo e a coragem de atravessarem a lagôa morta, coberta de nenuphares pô-dres, da modorra nacional.



Aproveitamento dos alumnos 30 30 30 25



Não posso ter a fortuna de annunciar-vos que o aproveitamento dos alumnos excede a nossa expectativa, ou apenas corresponde aos nossos esforços, á parte honrosas excepções, como, por exemplo, o alumno Luiz Estevão de Oliveira, que se bacharelou o anno passado, havendo deixado as melhores tradições n'este Curso.

Com o alargamento do ensino superior parece que se afrouxou de todo o ensino das disciplinas no curso secundario. Do velho regimen, anterior á decisão do Conselheiro João Alfredo auctorisando exames de preparatorios em todas as provincias do Imperio, ficou-nos, ao menos, a tradição de seriedade e competencia dos lentes, do apuro meticoloso das bancas examinadoras no julgamento das provas, do prazer de alguns professores em apresentar a turma dos seus discipulos ao torneio que, então, se lhes afigurava de honra.

Homens de outro tempo, inclusive meu pae, que foi meu mestre de latim, costumavam dizer, com o garbo que é tão do nosso temperamento :

« Ah! eu fui discípulo do padre Joaquim Raphael !... »

Perdeu-se, então, o molde antigo d'aquelles mestres ?

Restringiu-se a area da competencia profissional ?

Não, Srs. Doutores, e bem ao contrario, penso que se fez maior o circulo do saber, augmentou de extensão a zona da competencia com o auxilio dos novos methodos, aliás nem sempre bem aproveitados, e o alargamento das disciplinas respectivas ; mas, por outro lado, decresceu o zelo nos julgamentos, os examinadores perderam de vista a mira da imparcialidade, com um certo *laissez aller* que está desorganizando o ensino official no paiz.

Certo é, porém, que este desleixo não é *proles sine matre creata*. Com a enxurrada assoberbante dos exames nos lyceus das antigas provincias, os nossos professores perderam as energias da resistencia, e, em lugar de erguerem poderosos diques á maré montante, abriram por sua vez as comportas.

N'uma das capitaes do Norte tornou-se muito conhecido o episodio de um moço que, fazendo exame de francez, traduziu—*cependant*—por *este pendão*, e *les bœufs de Dieu*—por *bôfes de Deus*.

E o protagonista d'aquella scena propria de um *vaudeville* não era um tolo, no sentido intellectual, tanto que durante o seu tirocinio academico tomou parte nos agapes litterarios, e, ao mesmo tempo que estudava o Direito, fazia versos, convencido, como o velho poeta portuguez, de que :

« Não fazem mal as musas aos Doutores,
Antes ajuda ás suas lettras dão. »

Da ausencia completa de seriedade n'aquelles exames derivam em linha directa as provas, sem orthographia e sem estylo, que, n'esta Faculdade, temos tido o desprazer de julgar, escriptas bastante vezes por moços intelligentes e aproveitaveis, aos quaes faltou o preparo basico.

D'alli procedem, sem duvida, as difficuldades com que luctam muitos dos nossos discipulos nas respostas a simples objecções, o embaraço invencivel que os domina em provas oraes, logo que se lhes exige o esforço do mais ligeiro raciocinio.

E não é sómente n'este malsinado norte que isto succede.

Estavam traçadas as linhas acima, quando me veio ás mãos o ultimo numero da *Revista Academica* de S. Paulo, com o parecer do illustre Director d'aquelle Instituto juridico ácerca do projecto de criação de uma universidade no Rio de Janeiro.

Fazendo referencias causticantes á falta de preparo dos alumnos, o Dr. João Monteiro cita o *mot de la fin* de uma prova escripta na Faculdade paulista: « Desculpe dos erros. Sem mais assumpto sou de V. S. creado e admirador!... »

Refere-se depois a um academico que, «reproduzindo a apostilla litteralmente decorada, cita o escriptor *Icto*, palavra que alli estava escripta como abreviação de jurisconsulto.»

Continuando, offerece os seguintes specimens de respostas em bancas do 5.º anno:

— Por que razão a moeda é geralmente redonda?

— E' porque na natureza tudo tende a se arredondar.

— Em que differe o subdelegado do delegado de policia?

— Em que aquelle tem escripto na taboleta —subdelegacia—e este—delegacia de policia.

— Qual é a principal attribuição do ministério da guerra?

— A instrucção publica.»

Isto, Srs. Douros, notae bem, dá-se em S. Paulo, na Academia que, segundo a opinião do mesmo Dr. João Monteiro—«*é aquella em que o Direito tem o mais poderoso fôco de irradiação sobre a nossa terra.*»

Entretanto, as razões dos males apontados não residem sómente nas causas acima referidas; está na desorganisação do ensino primario e no empenho dos paes de familia em conseguir a todo transe o bacharelamento dos filhos.

Alguem já disse que n'este paiz os homens tinham duas aspirações maximas: obter para si uma patente de guarda nacional e conseguir o gráo de bacharel ao menos para um seu descendente.

Não se consultam as aptidões, as habilidades, as tendencias dos rapazes. O agricultor que trabalha do sol nascente ao sol posto sujeito ás intemperies; o commerciante que soffre os maiores vexames com os saltos acrobaticos do cambio; o alfaiate que tem nas mãos o callo da tesoura; o pedreiro, cançado de fazer uso da trena e do nivel; todos desejam para os filhos o gráo de *Doutor*, não porque seja um esmalte do talento, um premio ás vigílias litterarias, e sim por lhes parecer um meio suave de arranjar, sem demora, a sinecura de um emprego publico.

Por outro lado, falta-nos a base de um verdadeiro ensino do primeiro gráo.

A constituição de 24 de Fevereiro errou crassamente reservando para a União o ensino

superior e pondo ao abrigo dos Estados a aula primaria.

O Estado, tendo por interesse maximo que haja de facto um ponto de apoio commum para o sentimento e a intelligencia nacionaes, porque, apesar da identidade de lingua, sem aquelle ali-cerce não existe uma nacionalidade,— não deve abrir mão d'esse problema capital que é o ensino, em qualquer dos seus grãos.

O ensino tendendo a formar a *Constituição mental* de uma nacionalidade, não deve ser confiado, n'um paiz extenso como este, aos caprichos de governos locaes, sem escrupulos e sem letras.

D'ahi uma boa parte d'essa desorganisação clamorosa quo se reflete n'esta Faculdade, e de prejudicados, os jovens que nos visitam em procura da laurea de bacharel.





Projecto de Universidade ¶ ¶ ¶ ¶



Alem das sessões ordinarias, a congregação da Academia reuniu sete vezes para tratar de varios assumptos. O assumpto principal foi incontestavelmente a discussão acerca da consulta do Sr. Ministro do Interior relativamente á criação de um instituto universitario na capital da republica. O douto parecer do nosso collega Dr. Clovis Bevilaqua, de pleno accordo com os seus companheiros de comissão -- Drs. Constancio Pontual, Virgínio Marques, Adolpho Cirne e Tito Rosas, e por vós approvado, fala mais alto do que eu poderia fazel-o n'este momento, do modo patriotico por que foi recebido por vós o projecto do governo.

Não tenho, pois, que insistir n'este ponto enaltecendo os bons desejos do nosso collega que tão dignamente dirige a pasta do Interior, nem preciso dar a conhecer si as minhas predilecções decidem-se pelo projecto Azevedo Sodré, procurando adaptar ao nosso meio o mechanismo das universidades allemães, ou si pelo projecto Leoncio de Carvalho dando por base á futura universidade os fundamentos da tradição nacional.

O nome de universidade foi usado a principio como designativo do conjuncto formado por mestres e discipulos: — *Universitas magistrum et scholarium*.

«Do character social que tomou esta corporação moldada segundo as irmandades ou *guilds*, com um fôro civil privilegiado, foi que o nome de universidade veio a prevalecer sobre a designação de *estudo geral*, que significava mais a reunião das disciplinas pedagogicas.»

Como quer que seja, tres são os typos salientes de universidades na Europa. As inglezas, representadas genuinamente pelas de Oxford e Cambridge, datam da idade media e conservam ainda hoje o seu antigo aspecto monacal.

A disciplina escravizadora que o character corporativo lhes imprime torna aquelles institutos retardatarics, apezar dos donativos, ou talvez mesmo por isso, dos aristocratas do partido *tory* e da igreja official, de que aquelles dois fôcos da intelligencia ingleza são os mais fortes esteiros.

Foi no intuito de contrabalançar o peso d'aquelle reservatorio de forças conservadoras que os Wigs fundaram uma universidade em Londres, no segundo quartel do seculo passado, dando-lhe um organismo talhado na fôrma das corporações congeneres da França.

Fazendo a critica da educação na Inglaterra Huxley disse: «*As melhores de nossas escolas e todos os cursos de nossas universidades só nos podem fornecer uma educação incompleta, coxa e essencialmente anti-liberal.*»

As universidades francezas estão no extremo opposto das citadas, isto é, pela continua dependencia em que se acham do governo resentem-se

profundamente da instabilidade dos interesses partidarios dos ministerios.

Entretanto, não foi sempre assim. Durante seculos governaram-se por seus proprios estatutos as universidades de Paris, Montpellier, Toulouse, tendo a primeira, respeitada continuamente pelos reis e pelos padres poderosos, servido de modelo aos institutos superiores do ensino fundados nas provincias de França e no estrangeiro.

Aquellas immunidades, porém, erroneamente confundidas com o privilegio feudal de outras corporações que entravavam a expansão do trabalho livre, foram eliminadas pelos legisladores de 89 e não readmittidas no decreto napoleónico de 1808, que reorganizou o ensino universitario de França.

As universidades allemães continuam a gozar das suas antigas franquias, vivendo independentes, com recursos proprios,—terras, herdades, predios urbanos,—mas, em compensação, souberam preservar-se do espirito medieval reinante nos institutos similares da Inglaterra.

Incontestavelmente, ellas não possuem os prejuizos olygarchicos das universidades inglezas, nem se limitam a ser chancellarias do ministerio da instrucção, como na França, ou, para fallar com Holtzendorf—:souberam premunir-se contra a disciplina escravizadora de umas e a versatilidade dos interesses administrativos de outras.

A seu respeito disse Huxley as seguintes palavras despidas de prejuizos do *gingoismo* pretençioso: «Na Allemanha as universidades conseguiram ser o que as nossas não são, isto é, corporações de sabios devotando toda sua vida á cultura da sciencia e aos labores da educação academica; não se limitam a ser pensionatos de

rapazes ou seminarios, são instituições que têm em vista os progressos da humanidade sob os auspícios dos mais altos estudos; preenchem literalmente os seus misteres, porque procuram representar a universalidade dos conhecimentos humanos, dando-lhes corpo e garantindo um lugar distincto a todas as formas da actividade intellectual. »

Não hesito em declarar-me partidario das universidades allemães, mas receio muito que entre nós se tornem simplesmente uma planta exotica.

Conheço o systema francez e tenho-lhe horror, porque o possuímos aqui em miniatura, governados como temos sido, as mais da vezes, ao sabor de ministros forasteiros, sem respeito á lei e ás nossas prerogativas.

Estamos, porém, no caso de adoptar o mechanismo das universidades allemães?

Os nossos habitos de desidia portugueza, consorciados indissolvelmente com a indolencia indigena, dão-nos garantias sufficientes na execução de processos ainda não conhecidos na economia das nossas escolas superiores? Nossas instituições comportam, *verbi gratia*, o privilegio de jurisdicção d'aquelles institutos universitarios subtrahindo os estudantes á acção policial, nos delictos e contravenções de toda ordem, o que, segundo Buscovitz, dá aos respectivos corpos discentes a *allure* de independencia e a dose de energia mascula com que se batem nas luctas scientificas e nas contendias partidarias que se agitam no paiz?

Por outro lado, faltam-nos recursos pecunia-rios, patrimonio em terras, herdades, predios urbanos que nos assegurem os meios de manter vida autonoma.

Li algures que as universidades russas, ita-

lianas, belgas, hespanholas, e até mesmo a de Athenas, se approximam muito, por certas franquias que lhes são privativas, das suas irmãs da Alemanha, porém que, pelo motivo de se desenvolverem em terra extranha, não dão os mesmos resultados.

Porque então, dadas as profundas diferenças de meio e de raça, de costumes e instituições, havemos de transplantar para o nosso solo a arvore das universidades teutonicas com as suas raizes seculares?

Sou partidario fervoroso da criação de Universidades no Brasil, mas entendo que é preciso ponderação, patriotismo, criterio scientifico, e, principalmente, sobra de tempo, que, na phrase de Ruy Barbosa, é o estofo em que se preparam as obras primas.

Confio na boa vontade e alta competencia do actual ministro de instrução no Brazil e, no character de um dos seus mais obscuros admiradores, desejaria ver seus grandes esforços galardoados com este transcendente serviço á nossa patria; —mas, por isso mesmo, tomo a liberdade de aconselhar-lhe muita prudencia e reflexão na obra que com tanta superioridade de vistas emprehende.

II

As universidades são systematisações da sciencia, disse-o Charles Rubin; e na desorganisação intellectual triumphante no Brasil precisamos systematisar o ensino.

Entretanto, isso não se consegue sómente com as universidades; faz-se urgente uma reforma completa, desde os alicerces.

Heckel, no seu livro *Enygmas do Universo*, diz: «A educação da juventude está bem longe de corresponder ás exigencias que os progressos do seculo impõe á cultura moderna.»

Alfredo Vallace foi mais longe affirmando o seguinte:—«Comparados aos nossos espantosos progressos nas sciencias physicas e suas applicações praticas, o nosso systema de governo, a justiça administrativa, os *methodos de educação* e toda a nossa organização social e moral, *jazem no estado de barbaria.*»

Imaginae agora, srs. drs., o que se pode dizer de nossas condições de educação, distantes como nos achamos, a perder de vista, dos processos educativos acima criticados.

Alberto Salles, o grande espirito que acaba de tombar para o tumulo, escreveu alhures: «Entre os apparelhos que constituem o estado assim como ha um que se destina á distribuição regular e permanente da justiça, precisa existir outro—o apparelho escolar—que se dedique exclusivamente á distribuição do ensino, devendo ser tão autonomo e independente como o primeiro.»

Temos nós brasileiros esse apparelho ?

Si eu fosse obrigado a fazer a classificação do mechanismo do ensino primario nos Estados, acudia-me logo ao pensamento a lembrança de uma almanjarra.

Reivindique o governo da União o direito de prover sobre o ensino, nos seus diversos grãos, em toda a Republica ; unifique-o, systematise-o, si effectivamente deseja erguer o nivel da instrucção no Brasil. Não faça, porém, uma obra de fancaria, geographada de remendos.

Nem o digno ministro do interior deve

prender as azas dos seus nobres estímulos na preocupação soez de não augmentar despezas.

O Estado tem obrigação restricta de fornecer o que o saudoso professor de Heidelberg chamou — *os meios de cultura* — para o progresso moral e a educação do povo, isto é, as escolas publicas de todos os generos, as collecções e os muzeus, as academias, a educação politica, militar, ou technica.

E Hortendorff disse que o supremo gráo de cultura collectiva seria attingido, onde os grupos sociaes, renunciando á supremacia de quaesquer interesses privados, concorressem para fortalecer as forças vivas da communhão e augmentar as liberdades individuaes. Só assim o Estado chegará a formar com efficacia no espirito publico o fundamento da unidade nacional. Ora, segundo o mesmo publicista, o meio mais efficaz de conseguir esse intuito é crear e manter as instituições que, sem garantir privilegio a nenhuma classe determinada, aproveitam a todas as classes.

O Estado, portanto, que não se acha em condições de prover a essas inadiaveis necessidades, é um orgão sem funcção e sem direito á vida.

A uma grande modificação na estrutura do apparelho politico de um Estado, como essa que se operou no Brasil com a revolta de 15 de Novembro, «deve corresponder parallelamente uma grande alteração no apparelho escolar.»

Que se fez nesse sentido? Reformas, umas destruindo outras em vez de completal-as, pobres de methodo scientifico e escassas de bom senso. Entretanto, a desaggregação do paiz é visivel. ...

Com os moldes federativos que adoptamos, quebraram-se muitos dos laços de cohesão nacional. Desappareceram o prestigio tradicional das instituições monarchicas, a perpetuidade da corôa,

a reconhecida magnanimidade do Imperador, a doçura legendaria da adoravel D. Thereza Christina, a unidade da magistratura, os delegados politicos do poder central nas provincias.

Hoje só nos restam dois vinculos nacionaes: o ensino superior e a força armada. Sendo republicano e desejando que se fortaleça o primeiro daquelles vinculos, eu considero que a criação de universidades no paiz é, além de uma homenagem á sciencia, um relevante serviço á politica do novo regimen.

As universidades não se limitam a ser poderosos centros do saber : são tambem fócios do espirito publico. Organizadas na Europa no seculo XIII, ellas constituiram o espirito de resistencia ao feudalismo triumphante. O primeiro cuidado dos allemães, apenas viam as fortificações de Strasburgo levantadas, foi collocar-lhes ao pé uma escola universitaria, «como uma fortaleza avançada contra o espirito da França.» Já os inglezes haviam, durante a guerra dos cem annos, usado das mesmas armas para combater o predomínio francez.

A velha experiencia da Allemanha ensina-lhe que as universidades fazem parte do *genio nacional*.

D'ahi as seguintes palavras de Liard: « As manifestações d'essa função civica das universidades variam, sem duvida, segundo os paizes e conforme as epochas ; mas consistem sempre em fornecer á juventude um idéal commum e inspiram-lhe collectivamente modos de pensar e de sentir que sejam, ao mesmo tempo, um vinculo e uma força.»

Não exaggero, portanto, Srs. Drs., affirmando que vejo na criação de universidades, não só o

centro intellectual em que os moços possam colher as altas noções da sciencia, como tambem o theatro em que a fina flor da juventude brasileira terá de fortalecer e avigorar os instinctos civicos, aprendendo que esse corpo sem cohesão que vai do Amazonas ao Prata precisa retemperar-se n'um baptismo commum de ideias e sentimentos.

Tomemos, por exemplo, esta Faculdade. Antes da independencia e até mesmo após o 7 de Abril o Norte era um amontoado de populações esparsas, tão longe uma da outra como as tribus africanas que têm de permeio o deserto.

Foi o predominio intellectual deste centro que conseguiu humanisar os costumes, estabelecer a corrente de sympathias e a permuta civilisadora das ideias. O proprio character pernambucano modificou-se profundamente.

Os filhos de familias poderosas que viviam em lucta accessa, os de sangue azul e os plebeus, os descendentes da fidalguia do Cabo e os representantes dos antigos *mascates*, d'aqui sahiam harmonisados levando á casa paterna a noticia de que o codigo dos direitos individuaes é igual para todos.

A noção de patria refundiu-se, alargou-se, do Amazonas á Bahia, com o catecismo do direito.

Aqui aprenderam muitos dos grandes homens do Brazil:—jurisconsultos como Teixeira de Freitas, Nabuco de Araujo e Paula Baptista; estadistas da estatura de Euzebio, Saraiva, Dantas e João Alfredo; parlamentares como Sousa Franco e Ferraz; romancistas genuinamente brasileiros como José de Alencar, Franklin Tavora e Raul Pompeia; diplomatas da superioridade *hors ligne* do Barão de Penedo; criticos da ordem hierarchica

de Sylvio Romero e Araripe Junior; publicistas da imponencia magestática de Ruy Barbosa; oradores de moldes demosthenicos como Joaquim Nabuco; poetas de vôos hugoanos como Castro Alves e do lyrismo sonoro de Guimarães Junior.

Todo esse patrimonio em ideias, factos e homens superiores, junto ás outras causas apontadas, concorreu fortemente para que se formasse no Imperio a muralha da cohesão nacional.

A prova desse poderoso instincto forneceu o Norte por occasião da campanha paraguaya, e, vinte annos depois, no ardor com que se pronunciou pela sorte dos escravos.

Sou partidario da creação de institutos universitarios, porque, além de centros da intelligencia e do saber, elles virão a preparar no futuro o fermento do civismo, que anda ahi reduzido a uma sôpa de alhos ao sabor das olygarchias absorventes. Depois, os que fizeram o novo regimen para que o Brasil não constituisse a excepção monarchica neste continente, não devem tolerar que sejamos o unico paiz americano desprovido de universidade. Seria consentir que, neste ponto, fossemos collocados em condições inferiores ao Paraguay.





Directoria * * * * *

A directoria d'esta Faculdade continua a ser dignamente occupada pelo Sr. Dr. Joaquim Tavares de Mello Barretto, que agora mesmo preside os nossos trabalhos.

O procedimento do actual Director tem sido tão correcto no exercicio das suas funcções, que eu não ponho duvida em dar-me os parabens por ter confiado no seu criterio e talento no substitutivo que apresentei, no dia de sua posse, á moção do nosso pranteado collega Dr. Estevão de Oliveira lamentando a caprichosa exoneração do illustre Dr. Adelino Filho. Raramente esta Faculdade terá um director da exacção do actual. Homem de espirito fartamente illustrado, conhecedor da litteratura grega e latina, lido em Shakespeare e em Dante, versado nas lições politicas da Inglaterra, é ainda um cultor distinctissimo do Direito, do que tem dado sobejas provas nos seus trabalhos de advocacia. Cada professor d'este Instituto dará testemunho d'isto, porque, presidindo as congregações ou nas palestras obrigadas antes que se reuna o numero legal, S. S.^a se revela um espirito aberto, conhecedor das materias aqui

professadas, não um conhecimento de *ouvida vaga*, uma sciencia de catalagos, mas rigorosamente documentado, não um peculio adquirido com o auxilio de livros praticos, mas apoiado sobre o pedestal de principios philosophicos, bebidos criteriosamente nos livros italianos e germanicos. E não é de admirar. O illustre cidadão que dirige os nossos trabalhos não é um homem novo, fez suas armas no Parlamento do Imperio, onde impressionou pelo seus talentos e estudos financeiros a espiritos da intransigencia de Martinho Campos, tendo sido eleito após a ascensão do partido liberal em 1878, ao lado de homens que em pouco tempo se tornaram notaveis nos debates parlamentares, como até aquelle momento só havia conseguido salientar-se a deputação praieira no inicio do 2.º reinado.

Esses dotes do Sr Dr. Joaquim Tavares, a sua competencia, a delicadeza de maneiras, realçam ainda mais por se achar investido de um cargo occupado desde a abertura d'este curso por cidadãos notabilissimos, na ordem seguinte: — Marquez de Olinda, Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, o Bispo D. Thomaz de Noronha, o Visconde de Goyanna, Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, Dr. Pedro Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, depois Visconde de Camaragibe, Conselheiros João Alfredo Correia de Oliveira e João Silveira de Souza, Dr. José Joaquim Seabra, José Izidoro Martins Junior, Ernesto de Aquino Fonseca e Adelino Antonio de Luna Freire Filho.

Sem querer fallar de todos, alguns dos quaes tem assento n'esta Congregação, e deixando de referir-me aos que occuparam o cargo interinamente como os Drs. Manoel Ignacio de Car-

valho, Francisco de Paula Baptista, Augusto Vaz, João José Pinto Junior, Bandeira de Mello e outros, farei um ligeiro confronto entre o actual Director e alguns dos seus antecessores.

Pedro de Araujo Lima, tendo figurado como director d'esta Faculdade n'um periodo relativamente longo, de 1830 a 1839, não poude revelar os seus talentos para o cargo pelas responsabilidades que lhe couberam após o 7 de Abril.

Ninguem exerceu n'este paiz, no velho regimen, maior auctoridade, excepção feita dos dois Imperadores; mas as occupações politicas, o papel que teve de desempenhar na alta administração durante a menoridade do Sr. D. Pedro 2.º não permittiram que o Marquez de Olinda, quasi sempre no Rio, revelasse as suas notabilissimas qualidades de espirito e de coração no desempenho effectivo d'este cargo.

Maciel Monteiro, poeta, orador, diplomata e parlamentar, vive na memoria de todos, e, na hora em que se ouve o rumor das festas em honra ao centenario do seu nascimento, o seu nome passa aos nossos ouvidos, caminho da immortalidade:

“Na aza veloz da briza sussurrante.”

Miguel do Sacramento Lopes Gama, beneditino a principio e depois secularizado, illustrou a tribuna religiosa, exerceu o magisterio, immiscuiu-se na politica pernambucana, e taes dotes revelou que os seus correligionarios lhe deram uma cadeira na Assembléa Geral.

Entretanto, nem o adoravel poeta, nem o espirituoso frade, alheios á sciencia do Direito, podem inspirar ao actual Director receios de um confronto relativamente ás aptidões aqui desenvolvidas no exercicio do espinhoso cargo. O

poeta, no apuro de galan e namorado, exerceu acima de tudo nas diversas scenas em que pisou — na politica, no parlamento, na diplomacia, na vereação do Parnaso, com o esmalte do talento e da elegancia, — o dandysmo. Quando lhe foi offerecida uma cadeira no senado, por seus cor-religionarios, ao tempo em que a sua idade orçava pelos 46 annos, Maciel Monteiro recusou a honra da escolha, n'um impulso romanesco de *dandy*, sob o *pretexto de não ter o numero de annos exigidos pela constituição*. Era um modo cavalheiresco de manter o bom tom de poeta preferido pelas damas. Lopes Gama foi o auctor da *Columnneida*, satyra em versos aos olygarchas de Pernambuco, o pae do *Carapu-ceiro*, jornalsinho satyrico, de que lhe ficou o nome. Homem bem humorado, folgasão, talhando carapuças para *Deos e o mundo*, com o appetite de um epicurista, dote que elle trouxera porventura da vida conventual, não tinha a idiosyncrasia dos funcionarios publicos.

A academia enchergava-o nas grandes festas do anno ou quando elle era requisitado ás presas pelo secretario vigilante para a resolução de questões occurrentes. Não havia telegramma n'aquelle tempo e as relações com o ministerio respectivo faziam-se morosamente nos velhos vapores de roda.

Com o visconde de Camaragibe, que não possuiu o talento dos tres funcionarios citados, o caso foi litteralmente outro.

Reparando na docilidade que tanto enaltece o actual Director d'esta Faculdade, na corpezia com que nos trata, na isenção de animo com que preside os nossos trabalhos, lembro-me involuntariamente da austeridade tradicional do Visconde,

com o pescoço entretelado na *fita rouge* da gran cruz de dignitario da rosa, oriundo da aristocracia solarenga que lhe deixára nas veias o sangue de capitão-mór, fazendo deste instituto uma succursal do seu partido politico e determinando de antemão os candidatos que deviam ser preferidos nos concursos. É feito rapidamente o estudo comparativo dos dois funcionarios, tenho o feliz ensejo de ver, quanto, rodados apenas trinta annos, se acham modificados nesta Faculdade, por honra nossa, as relações reciprocas de estima e respeito entre a directoria e o corpo docente.

Entretanto, não é só neste ponto que eu noto modificação nos habitos, nem foi só no tempo do Visconde de Camaragibe que a prepotencia alçou o collo neste recinto, onde jamais deveria ter existido.

Annos depois de morto o Sr. de Camaragibe, e quando occupava o cargo de Director o Conselheiro João Alfredo, comecei a frequentar este Curso, podendo contar por experiencia propria como se resolvia n'aquelle tempo o direito dos alumnos.

Nas ferias do meu 3.º anno, certo lente d'esta Faculdade que está representando papel salientissimo na administração da Republica, homem impetuoso, mas sem odios, e a quem hoje, volvidas apenas duas decadas, me ligam fortes laços de verdadeira estima, queixou-se de mim á Congregação por ter, de parceria com o nosso collega Dr. Martins Junior, que acabava de se bacharel, publicado um artigo offensivo á sua pessoa n'um jornal republicano que então redigiamos.

Tendo Martins sido excluido do processo disciplinar por despacho ministerial, em virtude de já se ter formado, ficamos eu e o quarto au-

nista Francisco Carneiro Rodrigues Campello aos embates da onda.

Este abandonou logo a defeza dos seus direitos, certo de que a carta lhe não deveria merecer perda de tempo, e desligou-se até hoje desta escola.

Fiquei eu sosinho sustentando a resistencia.

De recurso em recurso cheguei ao extremo de appellar para o Imperador, máo grado as minhas intransigencias politicas, por estar sinceramente convencido de que não desertava os meus principios dirigindo-me ao primeiro magistrado do paiz no intuito de pedir-lhe um quinhão da sua justiça.

O Imperador, logo que o ministro do Imperio, segundo a propria confissão d'este ao meo amigo Dr. José Marianno, então deputado por Pernambuco, lhe fallou nos meus papeis, disse textualmente: — *Traga, Sr. Franco de Sá, tenho muito boa vontade a respeito desse moço,* — predisposição de sympathia que eu só pude, n'aquelle momento como hoje, attribuir ao facto de haver escripto um pamphleto em versos contra sua Magestade, tendo a pertinacia de remetter-lhe dois volumes registrados, por intermedio do seu mordomo.

Esta maneira de responder á má vontade politica dos seus inimigos, aliás estava nos moldes largos da magnanimidade excepcionalissima do Sr. D. Pedro II.

Em todo caso, antes d'esse rasgo de generosidade fidalga, tive de ver aqui mesmo o reverso da medalha.

Encaminhado o meu recurso, em principios de Outubro de 1884, o perdão só veio a ser assignado no despacho de 2 de Junho do anno se-

guinte. Aberta a primeira epocha de exame, e sendo chamado, apresentei-me com a ruma dos livros de civil e commercial debaixo dos braços.

Presidia a banca o Dr. Pinto Pessoa—um espirito intelligente e despretencioso, sem ambições e sem rancores, julgando este mundo com a superioridade de um philosopho, e, talvez por isto mesmo, passando aos olhos de toda gente por *maluco*.

Serviam de examinadores os Drs. Correia de Araujo e Seabra. Quando acabei de acudir a chamada e approximava-me da mesa em que devia escrever a prova, alguem lembrou ao presidente que eu não podia ser examinado por me achar suspenso das regalias de alumno.

Com a mansuetude do costume, o Dr. Pinto Pessoa interpellou-me, tendo immediatamente a seguinte resposta: « *Estou suspenso, sim Snr; mas o regulamento d'esta Faculdade diz n'um dos seus artigos que o estudante que for suspenso por um anno ou soffrer pena de exclusão, no caso de recorrer da sentença, o seu recurso terá effeito suspensivo.* »

Aquillo teve o effeito de uma bomba, menos pelo ar sobranceiro por que eu o disse, do que pelo facto de ter me referido ao regulamento, considerado n'aquelle tempo uma especie de Alcorão, só admittido ao conhecimento dos sacerdotes effectivos do culto e aferrolhado, sob sete chaves, nas gavetas da secretaria.

Mandou-se pedir um exemplar dos estatutos ao Dr. Secretario, que, talvez, com as formalidades do estylo, sacudindo-lhe o pó veneravel depois de alguns salamaleques, deixou cahir lentamente nas mãos do portador o volume sagrado.

Verificada a exactidão do que eu affirmára,

foi sem mais demora decidida a minha admissão ao exame.

Lembro-me, porém, de ter dicto, no correr do incidente, a um dos examinadores que fallára na conveniencia de ouvir-se o Director, o seguinte : — « *A decisão da directoria ser-me-á favoravel, porque a lei é clara.* »

Mas d'aqui em diante é que o carro pega.

No dia seguinte recebi um aviso para entender-me com o Director, que em verdade não era um homem commum, fôra ministro do Imperio 5 annos, prestára ao Visconde do Rio Branco o mais decisivo auxilio por occasião de passar na Camara o projecto da *lei do ventre livre*, e estava reservado para ser quatro annos depois o glorioso redemptor dos escravos.

S. Exc., funcionario austero, recebeu-me com a seguinte admoestação :

— *O Sr. fez mal em valer-se hontem do meu nome para ser submettido a exame. Ao que eu repliquei com vivacidade:—Não precisava valer-me do nome de V. Exc., porque tinha em meu favor um poder muito mais alto:— a lei.*

A conferencia modificou-se desde a primeira troca de palavras, naturalmente porque o Director que se tornára notavel no ministerio pela sua altivez, não se quiz morder com quem, escudado nas mesmas resistencias do brio individual, se lhe mostrava sobranceiro ás ameaças.

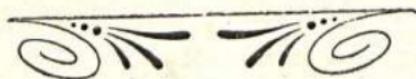
Posso dizer que no correr da conversação fui tractado de modo penhorante, o que ainda hoje me envaidece; mas S. Exc. se entrincheirou na resolução de depender o meu exame oral de um despacho seu exarado em petição que eu lhe deveria dirigir.

Releva ponderar que n'aquelle tempo escrevia eu, sob o pseudonymo de *Lincoln*, uma serie de artigos no *Jornal do Recife*, em que, defendendo a campanha abolicionista e o projecto Dantas, inventariava os erros do partido conservador de que o personagem citado era um dos chefes principaes.

Em todo caso encaminhei a petição, Srs. Doutores, e apesar das reclamações reiteradas que fiz pessoalmente ao Director, ou por intermedio da secretaria, quando aquelle se negava a receber-me, a desvalida adormeceu longos mezes sob a pedra da prepotencia mascarada, e dormiria ainda hoje, se a magnanimidade imperial não me tivesse poupado o dissabor de perder um anno de curso.

Narro este incidente com o desgosto duplo de fallar na minha individualidade e de envolver o nome de um estadista laureado, tão caro ao meu coração de pernambucano e de abolicionista, em recordações d'esse jaez; mas assim o fiz, porque, baseando-se a Historia no methodo comparativo, eu precisava de um facto que demonstrasse quanto estão mudados n'esta Faculdade os habitos da directoria.

O actual Director não será capaz de, levantando barreiras ao futuro dos seus jovens compatriotas, proceder d'aquelle modo; e os que se lhe dirigirem em nome de direitos conculcados, podem contar, sem receio, com a sua decisão intemerata.



Secretaria ¶ ¶ ¶ ¶

Continúa no exercicio do cargo de secretario, o digno Bacharel Henrique Martins, nomeado após o fallecimento do honestissimo Telesphoro Fragoso, que, por sua captivante bondade, viverá perpetuamente em nossa memoria.

Probo e zeloso, o Bacharel Henrique Martins tem escrupulosamente aproveitado os pequenos recursos da verba destinada aos reparos do edificio mandando vestir com um papel pintalgado e um tapete alegre as paredes lezardentas e o assoalho denegrado das salas onde se acham esta Congregação, a secretaria e o gabinete do Director.

E' um funcionario cuidadoso e competente, bastando para prova do meu asserto comparar as nossas actas de hoje fazendo de modo claro e preciso o transumpto das sessões, com as actas escriptas, ha vinte annos, n'um estylo de telegramma e os nomes dos lentes em abreviaturas de calendario.

Continuam os bachareis Antonio Lucena da Motta Silveira, Arthur Muniz e João B. Pessoa C. de Albuquerque, a exercer com exacção os cargos, de subsecretario, o primeiro, e amanuenses, os dois ultimos. Aos quatro funcionarios da secretaria, acima citados, rendo n'esta occasião o testemunho dos meus louvores, por faltar-me officialmente outro meio menos platonico.

Matriculas *es es es es es es*

Matricularam-se na abertura do curso 377
estudantes, assim escalonados:

N.º 1.º anno.....	128
” 2.º ”	75
” 3.º ”	37
” 4.º ”	77
” 5.º ”	60

Comparado esse numero com o dos matricu-
lados no anno de 1902, que foi de 278, nota-se
um augmento de 99.

E' que vae augmentando de anno a anno
a lista de alumnos matriculados.

Com a proclamação da Republica o prestigio
da farda seduziu por tal forma a juventude das
escolas que as Academias civis se despovoaram.

Preferia-se á toga pretexta de Tiberio Grac-
cho as insignias dos legionarios de Cesar ven-
cedor.

A mocidade ardorosa e optimista sonhava
com os alamares da farda suggestiva de Deodoro,
e, matriculando-se nas escolas de guerra, os
rapazes acreditavam levar na patrona, como os
soldados de Napoleão, as divisas do marechalato.

Cêdo, porem, chegou a hora do refluxo d'a-
quelle enthusiasmo juvenil.

As difficuldades actuaes das promoções no

exercito, de um lado, e, do outro, esse formidavel desastre militar que foi a campanha de Canudos, mostraram que na carreira das armas nem tudo é flores.

O eclipse do espirito juridico nas fileiras dos pretendentes ao bacharelato, felizmente passou, e a juventude em boa hora convenceu-se de que o dominio das classes de guerra nos paizes regularmente organisados poderá ser um incidente brilhante, em periodos excepcionaes, mas por isto mesmo tende a ser passageiro.

D'ahi a contra marcha. De anno a anno vão se alargando os nossos arraiaes.

E' a pedra de toque. Quer dizer que a consciencia nacional procura de novo refocillar-se á sombra d'esta velha arvore do Direito.



Collação de graos ✂ ✂ ✂ ✂



De accordo com a auctorisacção do Sr. Ministro do Interior o gráo de bacharel foi conferido no anno transacto sem a solemnidade legal.

Vae-se tornando uso esse esquecimento da lei, o que representa um descaso dos alumnos por uma formalidade emocionante, de repercussões inapagaveis.

Aquelle que n'este momento occupa a vossa attenção teve a fortuna de receber a laurea de bacharel n'uma sessão solemne do *tibi quoque*.

Estavamos no dominio da reforma Franco de Sà que apenas durou mezes.

Tive a honra de ser o orador dos meus collegas na solemnidade, servindo de paranymphe o sempre lembrado Dr. Barros Guimarães. Li o meu discurso, Srs. Doutores, como ainda hoje, por uma exigencia dos estatutos, se costuma fazer; mas o transbordamento das minhas emoções foi tal que, apesar de acostumado á tribuna, as letras do manuscrito, como se fossem de repente invalidas pela molestia de S. Guito, se moviam, transpunham as suas fronteiras, ou zigzagueiavam em cabriolas macabras de tal modo, que cheguei a julgar, por vezes, impraticavel a leitura.

Desde então floriram os meus sonhos e já emmurhecera, a maior das minhas ambições— a de sentar-me ao vosso lado—foi satisfeita, e, no

entanto, si do alto d'essa ribanceira dos quarenta annos, a que cheguei, e onde a vida começa a tingir-se do lilaz melancolico do poente, estendo a vista para os tempos idos, o que me apparece primeiro na bruma longinqua da saudade é esse dia das solemnes despedidas ás minhas profundas affeições academicas.

Não approvo, portanto, a pressa dos que preferem sahir d'aqui dispensando a solemuidade na collação do gráo, receiosos talvez de que alguns dias de demora os prejudique no assalto aos empregos publicos.

N'esses tempos de aspero egoismo, parece-me de bom aviso não esquecer aquella solemnidade que, sendo unia homenagem collectiva dos bacharelados á sciencia do Direito, é, ao mesmo tempo, um verdadeiro culto á religião dos affectos juvenis.

Eis a lista dos que receberam o gráo de Bacharel no correr do anno, na 1.^a e na 2.^a epocha de exames:

1. Demetrio de Miranda Castro.
2. Arthur Douville Leal.
3. Francisco Martins da Silva Soares.
4. Joaquim de Souza Leão Netto.
5. Elieser Gerson Tavares.
6. Epaminondas Lins de Albuquerque.
7. João Severiano Carneiro da Cunha.
8. Manoel Belem de Figueiredo.
9. Pompeo Soares Brandão.
10. Sebastião Prudente de Araujo Grangeiro.
11. Carlos Valente Ribeiro.
12. Democrito Brandão Gracindo.
13. Arnaldo Guimarães Maia.
14. João Lopes Ferreira.
15. Anastacio Peregrino Leite de Araujo.

16. Laurino de Albuquerque.
17. Octavio Celso de Novaes.
18. Carlos de Albuquerque de Hollanda Cavalcante.
19. Annibal Freire da Fonseca.—
20. Pedro Pereira da Silva.
21. José Emilio Pinheiro.
22. José Gaudencio Correia de Queiroz.
23. Arcelino Pinheiro Ramos.
24. Francisco de Assis Torres Bandeira.
25. João Evangelista Pereira de Oliveira Filho.
26. Alfredo Ayres de Souza Ramos.
27. José Leopoldino de Luna Pedrosa.
28. Alberto Carlos Paes Barretto.
29. Mameliano Taurino Cordeiro.
30. Antonio Feitosa Ferreira Ventura. —
31. Pedro Firmino da Costa Netto.
32. Francisco de Paula Araujo.
33. Oswaldo Cabral de Mello.
34. João Guilherme da Silva Pitta.
35. Luiz Correia de Oliveira.
36. Carlos Benigno Pereira de Lyra Filho.
37. Samuel Gomes Parente.
38. Misael Correia Seixas.
39. Manoel Bezerra Correia de Oliveira.
40. Fabio de Barros Freire.
41. Victor Antonio de Souza.
42. José Correia Xavier Gayão.
43. João Marques de Moraes Vasconcellos.
44. José Ferreira de Araujo Costa.
45. Antonio Maximiano Ramos Valença.
46. Antonio de Mello Machado.
47. Francisco de Lima Duarte Sobrinho.
48. Joaquim Americo Carneiro Pereira.
49. Eduardo Daniel de Figueiredo Pinto.

-
50. Manoel Gonçalves Nunes Machado.
 51. Antonio Correia de Oliveira Andrade.
 52. Corbiniano Carneiro Campello.
 53. Antonio Pereira Guedes.
 54. Domingos de Souza Leão Gonçalves.
 55. Martinho Garcez Caldas Barretto.
 - 56. João Pessôa Cavalcante de Albuquerque. —
 - 57. Joaquim Dias Bandeira de Mello.
 - 58. Luiz Estevão de Oliveira.
 59. Eudoro Cavalcante de Albuquerque.
 60. José de Hollanda Cavalcante Lisboa.
 61. João José de Moraes.
 62. Manoel Gomes de Oliveira e Silva.
 63. Arminio Tavares dos Santos.
 64. Adalberto Baptista Vieira.
 65. Euphrasio da Cunha Cavalcante.
 66. João Ramalho dos Reis.
 67. Antonio José Carneiro Campello.
 68. Malaquias Gonçalves da Rocha.
 69. José de Calasans Gonçalves Penna.
 70. Dyonisio de Farias Maia.
 71. Antonio Regueira de Hollanda Cavalcante.
 72. Arlindo Alberto de Lima.
 73. Ildefonso Alfeu de Moura Accioly.
 74. Eduardo Waldemar Tavares Barretto.
 75. Salustino Luiz de França.



Bibliotheca *as* *d* *as* *as* *as*

Se existe n'esta Faculdade um facto que me proporcione a mais suave sensação de prazer que pode saborear um homem de lettras n'este paiz, é o rapido enriquecimento da Bibliotheca.

Não é que tenha augmentado em numero de volumes a ponto de se tornar um vastissimo repositorio de livros, como foi o antigo *stock* da Bibliotheca de Alexandria, ou em curiosidades raras á guisa da actual collecção belletristica do admiravel Museu de *South Kesington*.

Ao espirito avido dos que a procuram, ella não offerece, por certo, a abundancia da feijoada minhóta, com a olha genuina da couve gallega e o pé de porco, mas as virtualhas deliciosas de um delicado banquete de epicurista.

Quero dizer que não existe alli a galeria das grandes estantes superpostas, gravemente enfileiradas com a disciplina de batalhões, a pé firme, em vastas salas que se desdobrassem dentro das vistosas paredes de um palacio.

Não, meus senhores, nem eu costume ter d'esses sonhos orientaes, suggestivamente contados nas historias funambulescas das Mil e uma Noites.

E' modesta a nossa Bibliotheca sob o ponto de vista da sumptuosidade, como no tocante ao numero de volumes, mas é digna de amor pela

escolha intelligente e cuidadosa dos livros, mercê do criterioso trabalho de selecção dos seus dois ultimos directores.

O primeiro— o Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, presentemente na direcção da Bibliotheca Nacional, teve de sacudir-lhe a poeira bolorenta, o mofo verde dos escaninhos, removendo o lixo dos alfarrabios reduzidos a pó pelo gorgulho,— trabalho espantoso de Hercules nas cavallariças do rei Augias. Homem de pertinacia irreductivel, tendo no temperamento a herança de seu pai que foi um modesto cultivador da intelligencia, mas um espirito resolutivo, esclarecido e sem jáça, entrou para a nossa Bibliotheca com o pensamento de refundil-a e enriquecel-a.

N'esse afferro ao dever melhorou consideravelmente as nossas miseraveis collecções, salvando-as da ruina completa, por meio da encadernação; conseguiu armar diversas estantes; fez aquisição de obras novas; assignou revistas nacionaes e estrangeiras; emprehendeu e conseguiu levar a effeito a publicação de um catalago systematisado; travou relações com editores e livreiros dos principaes centros litterarios da Europa.

O actual— Bacharel João Evangelista da Frota e Vasconcellos — auxiliado pelo sub-bibliothecario, o intelligente Bacharel Luiz Fragozo, não se limitou a dormir sobre os louros do seu antecessor, mantendo com acceio e boa vontade o que encontrara. Foi mais longe, e, devotando-se ao cargo com uma paciencia de beneditino, exerce-o em condições de merecer de nós todos calorosos elogios.

Entretanto, Srs. Doutores, sendo a sinceridade uma virtude, preciso dizer-vos que, se a correcção d'aquelle funcionario no desempenho

de seus deveres me envaidece, na qualidade de lente d'este Curso, foi para mim em todo caso uma surpresa. E' o Dr. Frota e Vasconcellos incontestavelmente um homem de intelligencia cultivada, mas a ponta de ironia que é a nota dominadora no teclado do seu espirito, a dose de pessimismo corrosivo que transborda uma vez por outra do seu humor, a superioridade masculina de caracter que o faz tractar com um certo des-caso os elogios ou as censuras dos contemporaneos; e, dominando tudo isto, o justo sentimento de revolta por ver que não conseguiu na vida a posição social e os meios pecuniarios a que os seus meritos lhe dão direito, fizeram-me crer que elle carecia da envergadura dos funcionarios que se identificam com o seu emprego até as articulações dos ossos.

Enganei-me, Srs. Doutores, e não tenho duvidas em fazer n'este momento a confissão publica do meu engano.

Visitando o seu gabinete de trabalho e vendo uma vez por outra o carteiro do Correio depor sobre a Secretaria as revistas procedentes de toda parte do mundo, a correspondencia, em diversas linguas, de funcionarios estrangeiros da sua cathegoria pedindo-lhe a nossa revista ou fazendo-lhe remessa de annaes, memorias, boletins bibliographicos, programmas universitarios, relatorios, theses de concursos, dissertações, o meu espirito volta-se, na expansão de um contentamento justo, para alguns annos passados, e vagarosamente, com as cautellas com que se entra n'uma necropole, visita a velha Bibliotheca da Faculdade no antigo edificio da rua do Hospicio, dispondo apenas de cinco ou seis estantes carcomidas que gemiam nos gonzos enferrujados,

quando, de longe em longe, a curiosidade vesânica de um amator de alfarrabios ia misericordiosamente sacudir-lhes das entranhas as traças devoradoras.

E fazendo a comparação dos dois periodos, constatando os grandes melhoramentos da nossa Bibliotheca de hoje, não posso resistir ao desejo de pensar na cara do velho José Eustaquio Maciel Monteiro, tão conhecido nas rodas academicas e nos fastos da Subdelegacia de Olinda, si acaso lhe tivesse chegado ás mãos uma d'estas cartas que o nosso bibliothecario recebe actualmente do estrangeiro.

Deveria ser cousa interessante para a collecção de anedotas, que, alambicadas provavelmente pelo espirito brejeiro dos rapazes, aquelle funcionario deixou na tradição oral d'este instituto.

Não exagere, Srs. Doutores.

Uma rapida noticia sobre os funcionarios que estiveram na administração d'esse departamento da Faculdade fallará melhor em meu favor do que eu poderia fazel-o. Não encontrei documentos sobre a fundação da Bibliotheca, nos livros que, no espaço de alguns dias, abri ás pressas nem a respeito do seu fundador; mas supponho poder garantir que no anno da graça de 1833 exercia o cargo de bibliothecario Basilio Quaresma Torreão, conforme se vê de uma portaria do Presidente da Provincia dando-lhe um substituto, enquanto durasse o seu impedimento.

Em 1839 ainda o mesmo Quaresma era interinamente substituido pelo Dr. Lourenço Trigo de Loureiro; e em 7 de Agosto de 1842 pelo Dr. José Jeronymo Cezar Lima em periodos passageiros.

Em 1850 foi nomeado, por decreto imperial, Bernardino de Senna da Silva Guimarães bi-

bibliothecario effectivo, e cinco annos depois o Conego Joaquim Pinto de Campos, que, segundo o autor da memoria academica relativa ao anno de 1863, *sugava a substancia dos poucos livros existentes para expedir alguns raios contra o philosophismo dos Renans e outros gratuitos inimigos dos padres.*

Até então foi esta, que eu saiba, a vantagem unica d'aquella instituição proclamada nos papeis publicos. Verdade é que quasi trinta annos depois, o corpo do auctor da *Vida de Jesus*, enregelado e hirto no seu leito mortuario do Instituto de França, não mostrava o menor vestigio dos raios, durante annos despedidos contra a sua pessoa, do reducto de nossa Bibliotheca, por Monsenhor Pinto de Campos. Mas o facto se deu, e eu tomo os illustres membros d'esta corporação por testemunhas de que não lhe opponho duvidas.

Só em 1875 foi nomeado Bibliothecario effectivo o bacharel em Direito — Olympio Marques da Silva, o primeiro que tinha a presumpção de estar no caso de exercer o cargo.

Entretanto, os seus affazeres politicos ou o facto de se achar o seu escriptorio de advocacia quasi a dois kilometros de distancia da sede da Faculdade, não lhe deram certamente margem para exercer com disvello as suas funcções. E' certo que antes dos Drs. Manoel Cicero e Frota e Vasconcellos occuparam esse cargo dois homens notaveis: Clovis Bevilaqua e Carneiro Vilella, — mas o primeiro ensaiava o seu vôo para se alcandorar na região serena onde as aguias têm o seu ninho, e o segundo, apesar de seu talento proteiforme de poeta, dramaturgo, romancista e pamphletario nada poude fazer no pequeno espaço de mezes

em que alli esteve. Não quero, porém, que vos fieis somente nas minhas palavras, quanto aos progressos da Bibliotheca.

Vejamos chronologicamente, se for possível, a opinião de antigos Doutores, exarada nas memorias historicas.

Na de 1863 dizia o Dr. José Bento que foi depois ministro e senador do Imperio: "o seu catalogo acha-se muito aquem das necessidades litterarias do presente seculo"; em 1867 dizia o Dr. Vicente Pereira do Rego, cathedratico de Direito Administrativo: "carece absolutamente de todas as obras necessarias á alta theoria e á historia do Direito em todos os seus ramos"; em 1870 o lente de Direito Criminal, Conselheiro Aguiar, chamava-lhe *magra instituição*; um anno depois o Dr. João Thomé dizia: "resente-se a Bibliotheca da falta de revistas da Europa, gazetas judicarias alli e no Brazil publicadas, bem como de muitos outros livros importantes de Direito;" em 1873 assim fallava o Dr. Tavares Belfort: "a bibliotheca da Faculdade além de muito deficiente e insignificante, porque apenas conta 670 obras em 2668 volumes e algumas ja truncadas, em todos os ramos de conhecimentos humanos, inclusive obras alheias ao estudo do Direito e das materias que com elle tenham mais intima ligação, de nenhum proveito é"; cinco annos após bradava o Dr. Coelho Rodrigues: "tudo quanto os auctores das memorias historicas dos annos anteriores têm dito sobre a deficiencia, pobreza e má direcção d'essa secção da Faculdade, se não é rigorosamente exacto, fica muito aquem da realidade"; em 1880 dizia o actual ministro do Interior, Dr. Seabra: "a Bibliotheca da Faculdade ressentese da falta de

boas obras modernas e de revistas, de sorte que seus frequentadores são somente os estudantes de curso e estes mesmo em muito pequeno numero"; um anno depois constatava o Dr. Barros Guimarães: "obras boas e modernas alli não existem e por isso os estudantes procuram de preferencia a Bibliotheca provincial, ficando a da Faculdade, em uma bem merecida solidão."

E' o boletim annual de facultativos dedicados á cabeceira de um moribundo.

Com a mudança da sede d'este Curso a Bibliotheca ficou no convento do Carmo por se ter verificado que aqui não havia commodo para sua installação.

Na memoria historica do anno de 1883 o Dr. Pinto Junior referindo-se aos inconvenientes da separação disse o seguinte: "hoje se nota a pequena frequencia de 215 visitantes no espaço decorrido de 20 de Julho a 20 de Dezembro."

Vejamos os dados estatisticos da Bibliotheca referentes ao anno transacto:

A frequencia foi a seguinte: 8084 leitores, dos quaes 3447 consultaram 5448 obras, occupando-se os restantes —4637 com a leitura de revistas e jornaes.

O movimento de permutas nacionaes e estrangeiras foi maior do que em qualquer dos annos anteriores.

Para o interior fez-se expedição de 1391 fasciculos das nossas publicações e para o exterior de 2188. Foram remettidas a 94 estabelecimentos nacionaes e 215 estrangeiros. Em compensação chegaram-lhe impressos de 110 estabelecimentos de ensino, sendo 58 do interior e 51 de fóra do paiz.

Recebeu 983 obras em 1485 volumes, tendo

sido o anno mais prospero, desde o seu inicio, do ponto de vista da acquisição. Foram os seguintes os titulos acquisitivos: por offerta 114 obras em 153 volumes; por via official 178 em 41; por compra 221 em 302; em troca de nossa revista 470 obras em 670 volumes.

Com as assignaturas da Revista *de Diritto commerciale industriale e marittime* e *La Scuola Positiva nella dottrina e giurisprudenza penale* completou a Bibliotheca o numero de onze revistas obtidas por assignatura.

De quarenta, mais ou menos, que eram as revistas e jornaes recebidos a titulo de permuta da *Revista Academica* em 1902, ascendeu o numero a duzentos no anno transacto, graças ao alvitre que tomou o digno bibliothecario de solicitar-lhes o prazer da visita. Nada ha que se equipare á estatistica n'um estudo comparativo.

Com a exhibição de alguns algarismos pudesdes ver que é um facto incontestavel o progresso de nossa Bibliotheca. Não ha duvida que na curta administração do Dr. Frota tem ella enriquecido o seu *stock* com cerca de quatro mil volumes e alargou-se a area de suas relações dentro e fora do paiz, recebendo farto numero de impressos estrangeiros, desde a revista da Universidade de Varsovia até a escola Juridica de Santiago de Cuba, desde publicações universitarias da Suecia até as do Chile, desde opusculos, em lingua madgiar, da Universidade de Budapesth até os de Costa Rica.

É tudo isto foi feito com a mesquinha verba orçamentaria — uma verdadeira sovinaria harpagonica.

Aproveitando o ensejo faço d'aqui um appello ao homem de letras que dirige a pasta

do Interior no sentido de pedir-lhe que ampare a Bibliotheca da nossa Faculdade, manaucial onde o seu espirito lucido se abeberou de sciencia para os surtos da cadeira de mestre, da tribuna politica e do fóro.

Ha ainda tres pontos para os quaes eu solicitaria uma parcella do seu valimento pessoal e do prestigio da sua auctoridade.

Um refere-se á circumstancia anomala de não serem equivalentes os ordenados do Bibliothecario e seu ajudante nas Faculdades de Direito e de Medicina.

Por um desses caprichos regulamentares que não se explicam, nota-se que funcionarios da mesma cathegoria em estabelecimentos congeneres não percebem equitativamente a remuneração que lhes dá o Estado.

Assim os bibliothecarios e su-bibliothecarios das Faculdades de Medicina percebem annualmente mais um conto e duzentos do que os seus collegas das Escolas de Direito. Ao espirito justiceiro do Sr. Ministro do Interior não deve passar despercebida essa irregularidade que é ao mesmo tempo uma injustiça.

O outro ponto entende com o mesquinho dispositivo dos estatutos prohibindo expressamente o emprestimo de livros da Bibliotheca. E' certo que, na vigencia do regulamento de 1854, pela porta da concessão, aberta nos arts. 27 e 29, se bem me lembro, sahiram muitos volumes que tiveram o fim tragico do malaventurado La Perousse nas solidões do Pacifico, isto é, não mais voltaram ao ponto de partida. Entretanto, isto não seria motivo para manter-se a prohibição nos termos rigorosos em que se o fez.

Seria um aviso para que se procurasse cer-

car o empréstimo de todas as seguranças possíveis, como por exemplo a ordem expressa da Directoria, e, si esta não fosse bastante, o penhor em livros equivalentes, em joias ou dinheiro, ou a auctorisação legal para que se reduzisse dos ordenados respectivos a quota parte correspondente ao valor dos livros não restituídos.

N'um paiz em que os lentes das escolas superiores não recebem do Estado remuneração sufficiente que lhes possa dar para a subsistencia material, não se lhes pode exigir que elles façam largas despesas com o pão do espirito.

Entretanto com o alargamento da esphera do saber, com os novos subsidios trazidos todo dia ao patrimonio das sciencias, o estipendio da intelligencia augmentou consideravelmente. Como exigir, n'um paiz em que os livros custam o valor da seda e das pedras preciosas, que os lentes abastecam o espirito, si lhes é vedado o empréstimo de obras nas Bibliothecas dos institutos em que leccionam?

De mim posso affirmar que a prohibição dos estatutos é um pesadello, e, no entanto, eu não teria duvida em sujeitar-me ás exigencias de uma medida conciliatoria, na hypothese, dos interesses do governo com os appetites intellectuaes do meu espirito,

Nem se diga que a permissão da leitura na Bibliotheca seja um meio termo accetavel.

Em primeiro lugar representa uma concessão legal que a todos aproveita, e não um favor privativo concedido aos professores; em segundo lugar não tem quasi utilisção por parte do corpo docente. A Bibliotheca funciona em horas de que não podemos dispôr: — de nove horas da manhã ás tres da tarde, tempo consagrado á

lucta pela subsistencia material, e das sete ás nove da noite, cento e vinte minutos escassos, justamente consagrados ao affecto da familia, á permuta de cortezias no pequeno circulo de nossas relações domesticas. Só a permissão do emprestimo, á guiza do que se faz em toda a Europa, pode remover os inconvenientes apontados.

O terceiro ponto para que eu desejaria invocar o valimento do Sr. Ministro em nosso beneficio, refere-se á creação do boletim bibliographico.

D'esta publicação que pode ser trimestral, ou mesmo tres vezes ao anno, resultaria, pelo mesmo, a seguinte vantagem: a relação dos volumes adquiridos mensalmente, seguida de uma analyse succinta da obra e do ponto de vista do seu auctor na exposição da materia; e uma noticia synthetica dos fasciculos de revistas e jornaes scientificos registrados no correr do trimestre, com uma criteriosa e rapida referencia aos assumptos mais importantes insertos n'aquellas publicações.

Seria incontestavelmente, além de um meio de tornar conhecidos os progressos d'aquella secção de nossa Faculdade, um esplendido roteiro aos que desejassem utilizar-lhe os prestimos, consoante ao que é commum nas principaes bibliothecas universitarias do velho mundo.

Com a pequena despeza de 1.500\$00\$ annuaes seria possivel conseguir tão util melhora-mento.

E essa despeza podia ser feita, sem uma nova sobrecarga para o thesouro, com a medida lembrada pelo dr. Frota no seu exhaustivo relatorio ultimamente apresentado á directoria:— um imposto adicional de 10 % sobre a matricula

dos alumnos, e o producto de assignaturas ou venda avulsa da nossa revista.

Isto representaria, talvez, uma receita de cinco contos de réis, que juncta á minguada verba annual dos orçamentos, proporcionaria meio mais largo de vida á nossa Bibliotheca, bem como ás suas co-irmãs.

N'um paiz em que as cousas do ensino causassem impressão aos poderes publicos, tudo isto seria feito espontaneamente, em vista do estado de atrazo e pobreza de recursos de nossos estabelecimentos escolares.

Quando após a exposição universal celebrada em Londres no anno de 1851, o governo inglez chegou a convencer-se de que as industrias nacionaes de character artistico se achavam em condições inferiores ás da Italia, Suissa, França e Belgica, fez uma profunda investigação sobre as causas originadoras d'aquelle revez. A opinião nacional commoveu-se extraordinariamente, a critica dos competentes trouxe luminosas considerações ao debate, de que resultou a certeza do atrazo e deficiencia dos apparatus de educação artistica. Mezes depois estava deliberado pelos poderes respectivos a remodelação completa do ensino, creando-se museus publicos em que pudessem a toda hora ser cotejados os productos, aproveitando-se as aptidões e o gosto das novas gerações.

Dois annos depois se achava estabelecido definitivamente o museu de Kesington, escola central de que desde logo começou a irradiar sobre toda a patria ingleza a vigorosa intuição de novos processos no ensino artistico.

Entre outras especialidades comprehende aquelle estabelecimento: — uma extensa galeria

de pintura, uma bibliotheca preciosa de livros d'arte, contendo, além d'estas, numerosissima e encantadora serie de desenhos, de gravuras e photographias, e, por fim, um museu de artes decorativas em que se guardam as mais raras preciosidades no genero.

Para fazer frente a esses extraordinarios encargos, o governo inglez dotou o museu de Kensington annualmente com recursos tão amplos que elle, apesar dos grandes gastos na acquisição de verdadeiras preciosidades, despense apenas a terça parte. No Brasil não se pensa do mesmo modo acerca das cousas do ensino. Por isto é preciso dizer as suas necessidades inadiaveis ao governo, muitas e repetidas vezes, n'uma ladainha de protestos e lamentações, no intuito pacifico de convencel-o de que valem muito mais as serias providencias em favor do ensino do que os programmas politicos de termos rebarbativos e cores mais ou menos berrantes.

Quereis uma prova? Na sua viagem de *vinte e um mezes ao redor do Planeta* o cruzador brasileiro *Almirante Barroso* commandado pelo valente homem do mar que se chamou Custodio José de Mello, depois de ter passado longos setenta e tres dias na travessia do Pacifico, deu fundo na enseada de Farm, da bahia de Sydney. Como o navio fizesse agua por dois lugares e lhe fossem precisos reparos que exigiam despezas, e, por outro lado, havendo urgencia de dinheiro no cofre de bordo para o pagamento da guarnição, o commandante providenciou no sentido de levantar nos bancos da Praça a quantia necessaria com um saque sobre o nosso deposito em Londres. A resposta dos estabelecimentos bancarios, aliás depois de have-

rem telegraphado para Melbourne pedindo noticias do nosso paiz, foi negativa, sob o pretexto de «não ser conhecido o Brasil.»

O ardoroso marinheiro, offendido no seu justo pundonor nacional, replicou, entre outros, ao Director do *Australian Jonh Stock Bank*, que o Brasil era alguma cousa mais do que a ilha de *Tonga-Tabu* que elle acabara de avistar do convez do seu navio na vastidão do Grande Oceano; que era o segundo paiz do Novo Mundo, o primeiro da America do Sul, e na praça de Londres, com a qual mantinha Sydney grandes relações commerciaes, gosava de um credito illimitado.

E foi-lhe preciso telegraphar ao Delegado do Thesouro Brasileiro em Londres, que lhe mandou a quantia reclamada por intermedio do *English Scottish and Australian Chartered Bank*.

Pois bem, Srs. Doutores, a nossa bibliotheca, com os recursos minguados do Thesouro e o auxilio inestimavel da *Revista Academica*, tornou esta Faculdade lembrada nos centros intellectuaes da Australia, ou, pelo menos, nas rodas officiaes das universidades de Adelaide e d'essa mesma Sydney, onde, ha quinze annos apenas, o nosso paiz era menos conhecido do que a desventurada ilha de Fidgi.



São incalculaveis os seviços prestados aos fóros d'esta Faculdade, no paiz e no estrangeiro, pela nossa Revista.

Nas suas columnas ganhou o nosso collega Dr. Clovis Bevilaqua a sua enorme reputação de jurisconsulto, o que lhe valeu a insigne distincção,—a maior que neste paiz poderia ser confiada a um homem de letras juridicas,—de confectionar o projecto do codigo civil.

Foi ella, principalmente, que levou o seu nome laureado aos centros, onde se cultiva o direito no estrangeiro, dando-lhe, na sua especialidade, um renome excepcional.

Escreptores da estatura de Bernardino Alimena, Paulhan e Gabriel Tarde, citam-lhe o nome e accitam as modificações ponderosas que nas columnas de nossa Revista tem elle feito a pontos de doutrina.

Nas mãos do digno Bibliothecario acabo de ler uma carta, de carimbo official, do secretario da universidade italiana de Lucca, louvando o ultimo numero da nossa Revista e agradecendo a remessa de exemplares, ao mesmo tempo que pede o obsequio de responder-lhe informando, si

o Dr. Bevilaqua é mesmo um brasileiro, ou, conforme o nome parece indicar, um italiano domiciliado no Brazil, porque, nesta hypothese, desejam alli contemplal-o no quadro dos que estão honrando a patria no estrangeiro.

A' parte a pretensão jingoista, não se pode occultar no caso o reconhecimento dos meritos scientificos do nosso collega por um estrangeiro a quem não o prendem laços de sympathias pessoaes. Um rapido exame das publicações que recebemos da Europa em troca de nossa Revista falla bem alto em seu favor.

Honram-n'a com a sua visita as publicações officiaes das universidades de Coimbra, Oviedo, Madrid, Barcelona, Roma, Turino, Napoles, Padova, Sciesca, Lucca, Messina, Aureale, Udine, Paris, Lieb, Lion, Grenoble, Remmes, Angers, Bruxellas, Gand, Liege, Louvain, Renne, Genebre, Londres, Dublin, Edimburg, Scotland, Berlin, Giessen, Munchen, Vienna, Kaikou, Budapesth, Amsterdam, Copenliague, Stockolmo, Christiania, S. Petersburgo, Finlandia, Varsovia, Buccarest, Belgrado, Sofia, Athenas e Constantinopla.

E não é só o facto penhorante das permutas, que nos envaidece : são as referencias honrosissimas aos trabalhos insertos em nossa Revista. De parte mesmo o côro de elogios ao saber de Clovis Bevilaqua, outros dos nossos collegas tambem têm tido referencias honrosas, como, por exemplo, os Drs. Augusto Vaz, Oliveira Fonseca e Netto Campello.

No seu numero de 15 de Outubro do anno findo disse a *Revista Juridico Notorial*, de Santiago de Cuba, o seguinte a respeito de nosso orgão na imprensa :

« Esta importante publicación de Recife:

tambem nos visita y prometemos reproducir traducidos al castellano muchos de sus trabajos juridicos, de verdadera actualidad e importancia, tales como los que aparecen en su sumario, como la tesis de derecho romano ó matrimonio en Roma por Netto Campello. »

Deu effectivamente principio á sua promessa traduzindo para o hespanhol o artigo do nosso collega Clovis Bevilaqua sobre — *os Civilistas da Republica Argentina*, no seu ultimo numero recebido. *O Mundo Legal e Judiciario* que se publica em Lisboa teve a longanimidade de julgar—*trabalho notavel*—a monographia a respeito do *Infanticidio* escripta por quem ora vos dirige a palavra, promettendo em outro numero referir-se largamente ao assumpto.

A proposito da bem elaborada dissertação do Dr. Netto Campello havia escripto no volume anterior:

» O sr. dr. Netto Campello discute uma these de direito romano, sobre o matrimonio em Roma, e pergunta: Basta o simples consentimento, independente de outro qualquer facto para dar-se o casamento? »

« Combatendo muito lucidamente a opinião de Ortolan, o sr. dr. Netto Campello, que julga a these «das mais interessantes do direito romano, e que, no dizer de R. Von Ihering, se tornou, assim como o christianismo, um elemento de civilização do mundo moderno, conclue brilhantemente que não, fundando-se no *Corpus Juris Civilis*, Nov. 117. cap. 4.º.

«A' L. do Dig. (50—17) « *Nuptias non concubitus, sed consensus facit,* » e á opinião dos que pensam que o casamento se forma pelo unico effeito do consentimento (*solo consensu*), inde-

pendentemente de toda a formalidade exterior, prefere o illustre jurisconsulto a noção elevada que os romanos faziam do casamento—« *individuum vitæ consuetudinem continens.* »

La Scuola Positiva—redigida por Enrico Ferri, e uma das mais importantes publicações de Direito na Italia, por sua verdadeira orientação scientifica e pelos credits de seu director, deu-nos a honra, no seu inicio, de convidar para seu redactor correspondente no Brasil ao nosso collega Dr. João Vieira, e, acolhendo carinhosamente a nossa Revista, em que descobriu *communanza di idée e de programma*, terminou a noticia a ella referente com as seguintes palavras animadoras:—*Atraverso l'oceano un saluto di cuore alla egregia rivista consorella.*

No Brasil mesmo, srs. doutores, onde é preciso contar com a indiferença desalentadora por tudo que é relativo ás letras e ás sciencias, a collecção de nossa Revista é procurada pelos homens mais eminentes, como ainda ha pouco se deu da parte de certo deputado mineiro que na ultima sessão illustrou a tribuna da Camara tractando com proficiencia as magnas questões concernentes á pasta do exterior.

Magistrados de pontos diversos do paiz pedem a nossa *Revista*, desejosos de manuseial-a, e a sua circulação, dadas as condições ingratas do meio, já se pode considerar extraordinaria.

Rendamos, portanto, graças á reforma Benjamin Constant que, supprindo as nossas Escolas superiores d'esse poderoso agente na vehiculação das idéas, lhes deu incontestavelmente os meios necessarios á permuta de relações intellectuaes com os Institutos congeneres do paiz e do estrangeiro.

Regimen Legal

Continuamos a viver sob o arrocho do regulamento de 1901, sujeitos, nós e os nossos alumnos, ao lapis do bedel. Não é que eu aceite o radicalismo do nosso talentoso collega Dr. Laurindo Leão que, eleito para escrever a Memoria referente ao anno de 1902, assim se expressa no tocante ao assumpto: — « A frequencia obrigatoria põe o alumno em relação com o lente; estabelece-se um regimen de condescendencia, dá esperanças ao estudante, tira-lhe o sentimento da responsabilidade que tem em sua plenitude o alumno desconhecido e ausente. »

Considero excentrico este modo de condemnar a obrigatoriedade da frequencia. Penso, ao contrario d'aquelle distincto collega, que o simples tirocinio escolar, a camaradagem intellectual dos alumnos nos bancos academicos, o contagio do meio, o estimulo das lições, o exercicio das sabbatinas, dão, só por si, o verniz de bacharel com que os nossos discipulos se apresentam na vida publica. Não julgo, porem, compativel com os brios reciprocos de alumnos e professores esse systema deprimente de exigir a frequencia de uns e outros, alem de ser um consumidor de

tempo com prejuizo da clareza e do methodo nas prelecções.

A funcção do bedel na cerimonia diaria do ponto, o seu papel de acolyto bisbilhoteiro contando por cabeça o numero de fieis no templo da sciencia, e lançando no rol dos culpados o nome do sacerdote que falta, é contraproducente para os que, como eu, entendem que a obediencia passiva a certas formalidades chinezas é a negação do caracter.

Entretanto, não sou partidario da liberdade absoluta de frequencia.

Prefiro a obrigatoriedade indirecta dos institutos universitarios allemães, consistindo em tornar, por um meio serio e pratico, os proprios alumnos os mais interessados no comparecimento ás aulas.

Contra a reforma de 1901, feita de modo quasi clandestino, sem consulta previa ás corporações idoneas, insurgiram-se os lentes de S. Paulo e da Bahia, o corpo discente da escola de Ouro-Preto, da Polytechnica e de Medicina do Rio de Janeiro, e, por ultimo, os alumnos da Faculdade Bahiana, onde o protesto tomou o aspecto de uma revolta. No Senado e na Camara Federal, na imprensa e na tribuna, ergueram-se justos clamores contra este aleijão que veio ainda mais deformar o ensino superior no paiz.

Só esta Faculdade não juntou suas vozes ao côro geral de censuras, menos por condescendencia criminosa em relação ao nosso collega que n'aquelle periodo exercia a pasta do interior, do que, talvez, por se achar dolorosamente convencida da inefficacia dos protestos. Como quer que seja continua a viver a anarchisadora reforma que, além de outras faltas, commetteu o erro imperdoavel de supprimir uma das cadeiras de

Economia Politica e a de Historia do Direito Nacional, privando os alumnos das Faculdades Juridicas do conhecimento d'aquellas duas materias essenciaes, e excluindo da effectividade do ensino homens da competencia *hors ligne* dos drs. Seabra e Martins Junior.

Quando, na Allemanha, os eruditos confrontam o presente com o passado compulsando as Cartas da Idade Media, as Canções de Gesta, as Sagas Irlandezas, o processo da Lei Salica, os *costumes* barbaros, a antiga economia rural da Suabia e da Thuringia; quando, na Inglaterra, homens da estatura de Sumner Maine, procuram, á luz de um criterio rigorosamente scientifico, mostrar a «estreita alliança do antigo direito com a velha religião»; quando, na França, espiritos da ordem de Letourneau fazem pacientes excavações de verdadeira archeologia juridica para dar a conhecer a evolução do direito nos seus diversos ramos; quando, em Portugal, Theophilo Braga offerece-nos o estudo profundo e documentado dos antigos foraes; no Brasil supprime-se a cadeira de Historia do Direito Nacional, cadeira que, se outro resultado não nos houvesse trazido, bastaria o precioso livro do nosso collega Dr. Martins Junior, sobre o assumpto, para justificall-a.

Não é menos sensivel a redução do estudo da Economia Politica em nossa escola a uma cadeira, com um curso complementar obrigatorio de Finanças e Contabilidade do Estado.

A Economia Politica figura em nosso quadro de ensino desde a lei de 11 de Agosto de 1827, havendo a reforma Benjamin Constant, por ter comprehendido a difficuldade de explicar n'um anno as materias concernentes á cadeira,

creado uma outra em que se desdobrasse a segunda parte do programma.

Foi inconvenientissima a redução, quer se encare a Economia fazendo apenas parte saliente do ramo das sciencias moraes, quer se a considere "como um conjuncto de conhecimentos indicados pela experiencia e analyse philosophica, de que se induzem regras relativas á producção e á troca dos productos." Certo é que depois da sua evolução do estudo dos phenomenos economicos como entidades abstractas ao exame da actividade normal do homem no seu meio physico e social, ou, em outros termos, desde Adam Smith até os socialistas da cadeira, na Allemanha, *katheder socialisten* — a Economia politica entrou n'uma phase nova, passando a representar no terreno da educação humana um elemento indispensavel. Vencedora, como parece, a opinião dos novos economistas de que, no conflicto dos interesses egoisticos o mais forte tendendo a explorar o mais fraco, cabe ao Estado, órgão da justiça, intervir, no intuito pacificador de dar a cada um o que legitimamente lhe pertence, — é claro que os estadistas, os legisladores, os politicos, os que, em summa, pretendem dirigir a machina do Estado, não devem ignorar as leis da Economia Politica. Entretanto, o legislador brasileiro entendeu de bom aviso restringir o plano que ella occupava no quadro das materias ensinadas nas Escolas de Direito.

Estamos representando, no tocante ás reformas da instrucção superior n'este paiz, cousa peor do que succedia ao mendigo da Palestina, que, si dava dois passos de avanço nas suas peregrinações, o terceiro era invariavelmente para traz.

Um outro ponto, felizmente alterado no anno transacto pelo actual Ministro do Interior, referia-se á exigencia de aulas obrigadas em dias seguidos, cousa impraticavel pelo excessivo trabalho que impunha aos professores e alumnos. Si era penoso obrigar um lente a dar cinco prelecções hebdomadarias com o intervallo apenas das Quintas-feiras, imaginae quanto devia ser cruel exigir que os estudantes do 4º e 5º annos ouvissem as aulas de quatro materias pesadas, em horas consecutivas, alem dos cursos complementares obligatorios.

Era de produzir um precoce esgôto myelasthemico no organismo em formação da juventude.

E não é só isto. A distribuição desigual das cadeiras, de forma que, emquanto o primeiro anno tem apenas duas, precisando sempre de um lente extranho para compor-lhe as bancas examinadoras, o quarto e o quinto têm quatro, demonstra aos menos idoneos a falta de cuidado que presidiu á confecção da lei

Applaudo as reformas que se inspiram nos verdadeiros interesses do ensino e se apresentam apparelhadas pelo poder competente de recursos que as tornem efficazes; mas entendo tambem, que, sem causa conhecida, as alterações continuas na lei produzem um regimen de inconstancia e de instabilidade que só nos podem trazer o embotamento dos estímulos.



Premios aos Lentes ✎ ✎ ✎ ✎

Em uma das sessões transactas foi apresentado a esta congregação um requerimento da virtuosa viuva do nosso extincto collega Dr. Barros Guimarães pedindo o premio legal para a obra d'aquelle illustre jurisperito sobre Direito Romano.

Nomeada a commissão esta ainda não apresentou o seu parecer.

E' occasiã, portanto, de annunciar-vos que o Congresso Federal, n'uma emboscada de ultima hora, ao apagar das luzes, houve por bem revogar, n'um artigo inserto no orçamento geral das despesas, os arts. 35 e 36 dos nossos estatutos, que nos davam o direito ao citado premio.

Foi naturalmente o zelo dos legisladores que os levou a catar pacientemente, no copioso celleiro dos dispendios nacionaes, a minuscula parte destinada aos lentes dignos de estimulos.

No cêsto rôto das largas verbas orçamentarias só lhes chamou a attenção a pequena frincha por onde ás vezes se escapava a miseravel quota reservada aos que honram o magisterio superior.

E, notae bem! fez-se campeão d'aquelle medida repressiva dos esbanjamentos o Senado Federal contra os votos insubmissos da Camara.

E' uma obsessão contra as lettras patrias, não ha duvida, e é molestia antiga. Em caso de cortar despesas, a primeira ovelha tosquiada é a instrucção. E tantas vezes a thesoura inclemente da uzura tem-lhe feito a tosquia que afinal ja deita sangue a desventurada.

E' um antigo vezo harpagonico de reprimir os vãos da intelligencia n'este paiz. Sempre que é possível, cortam-lhe as azas.

Entretanto o premio aos lentes das Escolas superiores não é uma novidade da reforma Benjamin Constant.

Já a Lei de 11 de Agosto de 1827, que auctorisou a creação dos cursos juridicos de Olinda e S. Paulo, referindo-se aos compendios escriptos pelos lentes, dizia no art. 7.º: "Estes compendios, depois de approvados pela Congregação, servirão interinamente; submettendo-se, porem, á approvação da Assembléa Geral, e o governo os fará imprimir e fornecer ás escolas, competindo aos seus auctores o privilegio exclusivo da obra, por dez annos."

A reforma Benjamin Constant foi mais longe promettendo não só a quantia que indemnizasse o professor das despezas com a impressão da obra, como tambem um premio em dinheiro, si, a juizo da Congregação, for julgado subsidio de valor para o ensino da materia estudada.

E' doloroso ver a facilidade com que os dinheiros publicos se escoam em concessões ruinosas, na recepção de estrangeiros illustres, nas gorjetas ~~chorradas~~ chorradas aos apaniguados, e como se aferrolha, se esquiva, se enrosca nos escaninhos do cofre de judeu, quando é preciso acoroçar a educação nacional.

Dá-se ao laureado diplomata que nos reinvin-

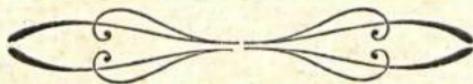
dicou o Amapá, uma recompensa em dinheiro por seus inestimáveis serviços; entrega-se ao glorioso Santos Dumont cem contos de réis para auxiliá-lo na conquista dos ares; e recusa-se uma pequena verba que sirva de estímulo aos que exploram em nosso proveito as zonas ubertosas do saber e fazem as conquistas da intelligencia em beneficio da juventude.

Porque a disparidade, Srs. Doutores? Seria de facto a palpitação vehemente do enthusiasmo patriótico por aquelles dois eminentissimos brasileiros?

Não, digo-o sem receio.

E' que o caso nosso não repercute lá fóra, e os outros citados serviram para o mundo ver como no Brazil os poderes publicos têm as mãos abertas.

E' de esperar, no emtanto, que, na sessão d'este anno, o Senado, reconsiderando o seu voto, julgue com um pouco menos de má vontade a questão do premio aos lentes operosos.





Commissão na Europa ← ←

O Decreto 1232 F de 1901 estabeleceu as *Commissões no estrangeiro como um meio de investigar os progressos da sciencia e do ensino*, devendo ser escolhido um lente que, de accordo com as instrucções da Congregação respectiva, visitasse os estabelecimentos congengeres dos paizes cultos da Europa e da America.

Era a primeira vez que se fazia semelhante concessão ás Escolas Juridicas, naturalmente por se ter entendido até então nas rodas officiaes que a ultima palavra sobre o Direito tinha sido dada por Justiniano.

Feita a sua christalisação nos codigos do grande Imperador, o Direito deveria ter se reduzido ás condições de um animal fossilizado, immovel pelo menos como as mumias pharaonicas nos seus hypogeus.

Não sendo sujeito a reformas, a transformações, a metamorphoses, de que serviria o seu estudo nos grandes laboratorios da sciencia européa ?

Assim se justificava, provavelmente, no antigo regimen a desnecessidade de encarregar lentes das escolas juridicas de commissões scientificas,

ao contrario do que se fez nas escolas de Medicina desde o regulamento de 1832.

Entretanto, nas artes, nas letras, nas industrias, no commercio, as vantagens d'essas commissões são incalculaveis. Não ha desar n'esse affan em procurar o veio de ouro do progresso em fontes estrangeiras.

Paiz novo, como é o Brazil, sem ter chegado ao periodo de madureza das nações, que attingiram o seu apogeu, precisa pedir emprestado muitas das normas que a civilisação de outros povos conquistou após um longo tirocinio de aprendizagem.

Nem ha no caso quebra do pundonor nacional.

Na casa de Cornelia—a mãe dos Gracchos, reunia-se a roda hellenisada dos Scipiões. Os dois futuros precursores da revolução democratica de Roma, foram educados por dois gregos—Caio Blossio, de Cumas, e Diophanes, de Mytelene,—e nem por isto elles deixaram de ser rigorosamente instruidos nos sagrados deveres da Patria.

Esse aventureoso paiz do Extremo Oriente—o Japão, que agora está assombrando o mundo com a sua organização militar e petrechos bellicos, ainda em 1869 era um reducto fechado á civilisação occidental.

Abertos n'aquelle anno os seus portos aos estrangeiros, em pouco tempo transformaram-se os costumes do paiz. Foi abolido o regimen feudal e decretada a igualdade civil de todas as classes perante a lei; estabeleceram-se correios e telegraphos; cunharam-se moedas segundo o modelo europeu; adoptou-se o kalendario gregoriano; construiu-se o primeiro caminho de ferro do Extremo Oriente, de Tokio a Iokohama; introdu-

ziu-se o uso da vaccina e da photographia ; e d'ahi por diante, o Japão não deixou de ter commissões na Europa para estudar todas as reformas e usos que pudessem criteriosamente ser adaptados ao seu sólo moral.

Militares addidos ás legações e professores das escolas civis, homens de guerra e homens de sciencia, vinham colher no occidente, com o faro de um nativismo perspicaz, os fructos de ouro do progresso, que poderiam ser transplantados para o archipelago do Grande Oceano.

Outro tanto procura fazer o Chilê, a mais intelligente e autonoma das nações oriundas do vice-reinado hespanhol na America.

Encerrada n'uma faixa de terra na orla azul do Pacifico e por traz dos Andes, ella bem comprehende que a civilisação européa não lhe atravessará as fronteiras longinquas, se não for cuidadosamente encaminhada por um esforço pertinaz e diuturno.

Foi, portanto, uma providencia acertada a auctorisação que a reforma Benjamim Constant deu ás Faculdades Juridicas de enviarem representantes de seus corpos docentes, em commissões scientificas, ao estrangeiro.

De 1901 até a hora presente a Congregação d'esta Faculdade designou cinco dos seus membros para preencherem aquella disposição legal.

O primeiro—o fallecido Dr. Barros Guimarães, recebeu ajuda de custas e conseguiu ter os seus vencimentos em ouro na delegacia brasileira em Londres, talvez por ter o Ministro do Interior encarregado-o de uma outra commissão do seu ministerio.

O segundo—o illustre professor da extincta cadeira de Hygiene, Dr. Antonio de Siqueira

Carneiro da Cuiha, não teve outra vantagem senão receber os seus ordenados integralmente, como si estivesse em exercicio.

O terceiro—o cathedratico de Economia Politica Dr. José Joaquim de Oliveira Fonseca, teve, alem dos vencimentos integraes, nove contos de réis a titulo de ajuda de custas.

O quarto—o digno substituto Dr. Tito dos Passos de Almeida Rosas, devendo realisar uma viagem á Europa em virtude de ter conquistado o premio ¹ promettido por lei ao alumno mais distincto do anno, aproveitastes a oportunidade, incumbindo-o de estudar a organização, os methodos de ensino e o regimen de frequencia dos estudantes nas faculdades juridicas da Allemanha, França e Italia.

O quinto — o nosso collega Dr. Adelino Antonio de Luna Freire, designado em principio do anno transacto, ainda não poudে seguir.

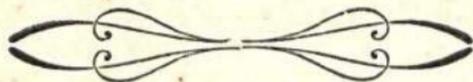
Do exposto vê-se que no espaço de treze annos o Estado só despendeu a verba destinada a commissões scientificas d'esta Faculdade duas vezes.

Pois bem! escolhido o Dr. Adelino Filho, o Sr. Dr. Ministro do Interior pediu ao Congresso o credito necessario, e o Congresso respondeu com uma recusa, certamente receioso de que os nossos compromissos em Londres não fossem pagos, si por ventura se realisasse a formidavel contribuição que, ao seu ver, seria a ajuda de custas destinada ao nosso collega.

E como si quizesse premunir-se de vez, contra essas e outras impertinencias dos corpos docentes, cortou o mal pela raiz, revogando na lei orçamentaria os arts. 216, 217, 218, 219, 220, dos nossos estatutos referentes ao direito

confiado ás Congregações de escolherem um lente de dois em dois annos, para uma viagem de estudos ao estrangeiro.

Conformemos-nos, Srs. Doutores, e digamos com o celebre asceta Láo Tsé, contemporaneo de Confucio, as seguintes palavras impregnadas de stoicismo: «E' necessario supportar tudo; soffrendo o mal sem queixume é que se aprende a vencer o destino.»





O nosso edificio ♪ ✎ ✎ ✎

Vão fazer vinte e dois annos que aqui se acha provisoriamente a séde de nossa Faculdade.

Do *provisorio* tem vivido desde o claustro de S. Bento.

Alli, nos longos corredores, passou vinte e dois annos á espera que chegasse a vez de ter um alojamento condigno. Transferida para o palacete que lhe havia sido morosamente preparado no alto do Varadouro, antes de concluidas as obras, foi dois annos depois provisoriamente removida para o casarão do Hospicio. Alli esteve quasi trinta annos, apesar de um desmoronamento de parte do tecto e de um incendio que lhe destruiu o salão de honra. O pardieiro não foi tão infeliz, como parece, porque teve um pequeno Homero que, se referindo ao sinistro, lhe dedicasse umas quadrinhas, das quaes me ficaram as seguintes:

Houve gente tão assidua
Que, apesar do que se deu,
No outro dia muito cedo
A's aulas compareceu.

Viram somente ruínas
 Cadeiras, livros no chão,
 As cinzas tomando o ponto
 E o vento dando a licção.

Em meados do anno da graça de 1882, de accordo com o parecer do engenheiro Nascimento Feitosa que declarou arruinado o tecto do edificio, passou a Academia ás pressas para este predio, antigo convento de jesuitas, sem architectura, sem accomodação e sem hygiene. Foi, em todo caso, uma victoria do nosso antigo mestre Conselheiro Silveira de Souza, interinamente na directoria, porque poude arrancar-nos da visinhança de um quartel, ao tempo em que as praças dos batalhões de linha eram recrutadas no rebutalho social, e da beira de uma cambôa que, nas enchentes da maré, bofava, sobre a extensa aria coberta de mangues, animaes mortos e vegetaes apodrecidos.

Após dois mezes de verdadeira faina á procura de um alojamento, se nos concedeu apenas o raio da frente n'este predio, contiguo á egreja do Espirito-Santo, ou a parte de que pouco antes havia sahido o Correio Geral.

A estreiteza do espaço que nos coube, foi tão desoladora que compelliu a Faculdade a separar-se da sua Bibliotheca, deixando-a n'um pequeno salão do convento do Carmo, pela mesma lei de necessidade que obriga o commandante do navio a sacudir a carga ao mar, toda vez que se avizinha o perigo do naufragio.

Assim ficaram longo tempo separadas, até que no anno de 1890 se operou de novo a junção.

E' que tinhamos pouco a pouco tomado posse

de toda parte do edificio no raio do sul, d'onde sahira, a principio, a recebedoria, e, depois, o thesouro. Foi certamente por saber que o predio não estava em condições de tornar-se a sede definitiva d'esta Faculdade, que o governo central, no velho regimen, resolveu servir-se do terreno desoccupado no Largo do Hospicio para lançar os fundamentos de uma casa em condições de offerecer-nos hospedagem honrosa. Aproveitando-se a viagem do Conde d'Eu, principe consorte, que fôra até ás cabeceiras do Amazonas, á cata de popularidade, apressou-se a cerimonia da inauguração official dos trabalhos para que a Sua Alteza coubesse a fortuna de collocar-lhe a primeira pedra.

A'quella festa, cercada de pompa, o humilde collega que vos dirige a palavra, então secretario da Assembléa Provincial, não quiz ter o gosto de assistir; mas soube pelo *compte rendu* da imprensa que estiveram presentes alguns d'aquelles que hoje governam este Estado, naturalmente dizendo ao genro do Sr. D. Pedro 2.^o phrases deliciosas de submissão ao throno e applausos incondicionaes ao monumento que se tentava erguer á sabedoria indigena.

A edificação proseguiu, gastando rios de dinheiro, porque, além de ser preciso aprofundar os alicerces n'um terreno roubado á maré e em que o subsolo se formara com o lixo das ruas diariamente depositado pelas carroças da Companhia Draynage, accresceu que a repartição se constituiu o viveiro de empregos eleitoraes e o homisio dos desoccupados.

Mais de mil contos foram gastos, segundo se disse, e não tivesse sido a correcção profissional do engenheiro militar Capitão Godofredo

de Mello Barretto, director dos trabalhos cinco ou seis annos depois de iniciados, não contariamos hoje a vantagem de ver os muros solidos dos alicerces com um metro acima do solo.

Julgo, portanto, mais do que opportuno, dirigir um appello a quem de direito, lembrando-lhe a conveniencia da continuação dos trabalhos, interrompidos desde 1895, por me parecer de boa economia aproveitar os dinheiros publicos, alli perdulariamente gastos, com o dispendio de mais alguns esforços do thesouro; e, por outro lado, mostrando-lhe os inconvenientes da nossa permanencia n'este edificio, antigo recolhimento de frades, com as portas e janellas de claustro, como que fechando aquelle asylo de religião e paz do espirito aos ares do mundo.

Ao contrario das almas escravizadas á fé, nós precisamos da luz e do ar, primeiros portadores da hygiene. Faltam-nos todas as condições de salubridade que um estabelecimento d'este deva possuir: agua para as lavagens, galeria de exgottos, salas assoalhadas no pavimento terreo, e, sobretudo, um serviço, em condições regulares, de latrinas e mictorios.

As salas em que se reúnem os estudantes no periodo das aulas e dos exames são quentes, na sua maioria, e a humidade do solo poreja-lhes pelas juncturas dos tijollos.

Não existe jardim, pateo, saguão, area aberta ou fechada, em que centenas de rapazes possam reunir-se nos intervallos das aulas, nas cerimoniaes de iniciação dos calouros nos rituaes academicos, ou em outras brincadeiras proprias da idade e nos estylos d'este instituto, um commodo, emfim, que lhes dê o goso de certo bem estar, sendo obrigados a permanecer de pé, em grandes gru-

pos, nos corredores escuros, onde ás vezes é difficil distinguir os lentos.

A situação que se lhes offerece — a de sardinha em tijella — priva-os das mais simples esturdias do espirito, durante as horas das aulas, sob pena de perturbarem a boa ordem do ensino e incorrerem na censura de mal educados.

Não ha n'esta casa um lugar bastante espacoso e aciado para a festa da collação solemne do gráo, obrigando-se os mais briosos bacharel-landos a despezas extraordinarias no preparo de um compartimento aberto em arcadas sobre o corredor que dá ingresso para a Bibliotheca.

E' o mesmo de ha 18 annos, quando eu recebi a laurea de bacharel, com a mesma pintura, os mesmos tons de melancholia intensa, o mesmo forro formando cacimbas nas depressões da madeira insubmissa.

A Bibliotheca, no seu momento aureo de expansão, está localisada n'um verdadeiro leito de Procusto, dispondo apenas de um salão para as estantes, occupado ao longo das paredes até o tecto, e de uma salêta destinada á leitura, — um forno na estação calmosa, alem de estreita e deselegante.

Faltam-nos todas as condições de socego que o funcionamento das aulas e exames exige. No oitão ou no raio do sul passam as carroças de quatro rodas, puxadas por bois somnolentos, que transportam toda a safra de assucar dos Prazeres a Palmares, e dos cereaes procedentes de Garanhuns.

O toque marcial de cornetas no quartel visinho, a toda hora da disciplina, e o bimbalar monotono dos sinos na igreja que nos empareda o ar, fazem o resto.

Por outro lado, o habito externo do edificio acaçapado está litteralmente nos antipodas da

esthetica. Sobre as biqueiras do antigo telhado em ruínas levantaram um parapeito, porventura a conselho de um mestre de obras remendão, com o fim de dar uns ares casquilhos á desengonçada tapera. A insufficiencia das gargulas peiorou as condições da coberta, de forma que no tempo de chuvas torrencias a agua cascadeia pelas frinchas das telhas alagando os forros das salas.

Muitas e repetidas vezes os concertos hão sido tentados, mas, apesar do zelo pertinaz, o archivo que diga a maneira desrespeitosa e brutal por que as inundações lhe destruíram grande parte do seu precioso deposito.

Accrescente-se a tudo isto, que a entrada principal do edificio se faz por uma portinha estreita, onde se acotovellam centenas de alumnos nos vaivens da chegada e sahida; junte-se ainda umas janellas de pombal na parte da frente, grades possantes barrando as aberturas das paredes no oitão para o mar, como cellulas de penitenciarías; e nós teremos uns traços muito pallidos da eurythmia architectonica de nossa Faculdade.

Em um periodo regular, em que os representantes de Pernambuco no Congresso Federal fossem os reaes depositarios da antiga hegemonia politica d'este nobre torrão, valeria a pena, sem duvida, collocar os nossos bons desejos sob os seus prestimosos auspicios; mas, nas condições a que foi reduzido o nosso brioso Estado, procural-os, seria fazer exercicios inuteis de locomoção atraz de um surdo.

Appellemos ainda para o sr. Ministro do Interior.

S. Exc. que tem prestigio no Congresso da União e aqui deixou os seus penates intellectuaes, fará o possivel para ouvir-nos.

A Cooperativa Beneficente. ✎ ✎ ✎

Existe n'esta Faculdade uma sociedade Beneficente, fundada por iniciativa do bacharel Antonio Lucena da Motta Silveira que aqui occupa o cargo de sub-secretario. D'ella fazem hoje parte quasi todos os lentes cathedrauticos e substitutos, e todo o pessoal administrativo da secretaria e Bibliotheca.

Tendo realisado a sua primeira sessão em fins de 1901, conta menos de tres annos e tem prestado os maiores serviços aos seus associados.

Os seus fins, segundo se vê do art. 2.º dos seus estatutos, são :

- « 1.º Fazer emprestimos aos socios.
- 2.º Constituir um peculio em favor d'estes, suas familias e herdeiros.
- 3.º Promover perante as auctoridades competentes a prompta expedição dos titulos de pensionistas do Monte-pio obrigatorio dos respectivos socios aos herdeiros d'estes, desde que para isto a directoria obtenha procuração legal dos mesmos herdeiros.
- 4.º Fornecer a titulo de emprestimo aos herdeiros do socio fallecido uma mensalidade correspondente á pensão do Monte-pio a que

cada um d'elles tenha direito, até que esta venha a ser paga na Repartição competente.

5.º Prestar á familia do socio fallecido que não tenha Monte-pio obrigatorio o auxilio da quantia de cem mil reis para despesas de enterramento.»

No seu curto praso de vida a sociedade conta incalculaveis progressos.

A caixa social que se iniciou com os minguados recursos das joias, excessivamente modicas, ao alcance de todos os contribuintes, atinge quasi a uma dezena de contos n'um espaço inferior a trinta mezes.

E' tão prospera por esse lado a situação da Cooperativa, que, os seus recursos tornando-se superiores ás suas necessidades actuaes, foi resolvido que se recolhesse a quantia excedente á Caixa Economica.

E no emtanto todos os deveres impostos pelos estatutos hão sido rigorosamente executados.

O Monte-pio do fallecido bedel desta Faculdade—Antonio Fausto José Rodrigues—está sendo pago aos seus herdeiros, graças aos esforços da Cooperativa.

E não é um serviço de somenos importancia, se attendermos ás difficuldades creadas nas repartições do Rio toda vez que é preciso exigir do Estado a satisfação dos seus compromissos relativamente ao Monte-pio dos funcionarios federaes. Os herdeiros do ex-empregado d'esta Faculdade Christovão Pinto, tiveram que esperar seis annos, a braços com a miseria, até que fossem resolvidas as nugas levantadas a proposito da pensão a que tinham direito.

Pois bem! a Cooperativa, não só se apresta

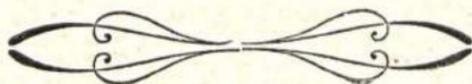
a fazer as despesas dos papeis referentes ao Monte-pio dos seus associados fallecidos, como se encarrega de adiantar mensalmente aos herdeiros prejudicados com a demora a pensão a que têm direito.

Agora mesmo, enquanto tracta de encaminhar os documentos relativos ao Monte-pio do nosso collega Dr. Estevão d'Oliveira, que deixou a digna familia em pobreza extrema, cumpre com a maior pontualidade aquelle seu compromisso.

Aos espiritos libertos das contingencias a que a falta de recursos reduz as familias de servidores do Estado, parecerá extranho que eu me occupe da Cooperativa num dos capitulos d'esta memoria historica.

Quiz, assim procedendo, prestar o testemunho do meu apreço aos nobres intuitos dos que a encorporaram, e, ao mesmo tempo, mostrar quanto são poderosos n'esta Escola o espirito de associação e os laços de solidariedade.

Nas condições precarias a que se vêm reduzidos os lentes e mais empregados das nossas Faculdades, por desidia dos poderes publicos, tão sollicitos em quinhoar outros funcionarios de vantagens excepçionaes, é grato exprimir os votos do meu coração em favor de uma sociedade de beneficencia fundada exclusivamente á custa de caroaveis pendores da iniciativa particular.





Conclusão



Antes de terminar, srs. doutores, preciso dirigir-me ao vosso espirito de independencia alludindo aos deveres transcendentales que nos prendem a este instituto, e, ao mesmo tempo, lembrando que, apezar de ligados á União pelos laços administrativos e vinculos nacionaes, representamos tambem as tradições pernambucanas no que ellas podem ter de mais elevado.

E' preciso não esquecer que neste solo a que se prendem as raizes da nossa vida, onde se desfolham as nossas saudades e brotam as nossas esperanças, surgiram pela primeira vez as manifestações autonomas da Patria. Foi no Recife que se iniciou a litteratura brazileira com Bento Teixeira Pinto, o que primeiro descreveu as galas da nossa natureza e os costumes dos aborigenes, manifestando esse pendor nativista que tem sido desde então o cunho primacial de nossas lettras; aqui teve lugar no seculo XVI a reunião da mais antiga assembléa americana ao tempo em que o principe de Nassau passeava a sua elegancia fidalga no seu palacio das Torres; aqui floriram as artes com os pintores neerlandezes

que foram os primeiros a copiar *d'après nature*, as bellezas de nossas paysagens; aqui escreveram os nossos maiores com o sangue generoso das suas veias a epopeia bátavo-pernambucana que teve o seu glorioso epilogo na Campina do Taborda; aqui explodiram as revoluções que annunciam quasi sempre forças vivas de resistencia no subsolo moral de uma raça. Esses factos indicam positivamente a dose de autonomia que o nosso meio physico imprime ao character dos que n'elle vivem, e, quando outra cousa não demonstrassem, accentuam os impulsos nobres dos nossos coestadanos no conflicto da sua consciencia com a autoridade.

Isto, porém, não impede que cedam á influencia das boas idéas e ao prestigio de corporações bem orientadas. Esta Faculdade mesma concorreu poderosamente para modificar-lhes o character, corrigindo os excessos de susceptibilidade do ponto de honra que muitas vezes degeneraram em assassinios brutaes.

Foi este o serviço lentamente prestado aos impulsos de cada individuo.

Quanto aos arrebatamentos da collectividade, aos factores sociaes, a sua influencia assignalou-se na politica local, na magistratura, na imprensa, no fóro, nos theatros, no salão, nos comicios, nas repartições publicas, em tudo em summa, que constitue o disciplinamento da educação civica.

Alem de encaminhar as gerações novas aproveitando e fortalecendo-lhes as faculdades do espirito no ensino dos codigos e dos principios philosophicos do Direito, lhes deu a consciencia juridica, o que, por um natural desdobramento de energias, foi influir no animo da collectividade.

Nos dias do ardor patriotico produzido pelas

grandes crises, ella sentiu tambem os rufos da febre nas arterias, e do seu seio sahiram agitadores pregando o evangelho do civismo ou offerecendo exemplos de rebeldia á prepotencia.

Foi assim na revolução de 48, quando Jernonymo Villela deixou no espaldar de sua cadeira nesta Congregação os distinctivos de lente e vestiu por cima das insignias de doutor a blusa dos *praieiros*; foi assim no dia em que Trigo de Loureiro, envergando a farda de voluntario da patria, se apresentou ao governo, á frente dos seus discipulos, para ir aos pantanos do Paraguay auxiliar o desaggravo dos brios nacionaes; foi assim, em nosso tempo, quando a maioria d'esta corporação desobedeceu de maneira positiva ao marechal dictador, deixando de admittir o concurso para a supposta vaga do dr. Seabra, criminosamente demittido da cadeira de economia politica.

Pois bem, srs. drs., hoje mais do que nunca esse exemplo de civismo, esse reflexo da nossa consciencia juridica se faz necessario na sociedade em que vivemos.

Como na vida animal a primeira condição de victoria é o saneamento do meio physico, corrigindo os rigores da natureza, na vida civil o primeiro cuidado é a sustentação da lei conquistada ao poder sangrento da barbaria. Foi a isto que Von Ihering chamou « um dever de todo o homem para com a sociedade » e, com maioria de razão, digo eu, « d'aquelles que ensinam o Direito ».

O abastardamento do poder publico nos estados; a ingerencia criminosa do partidarismo infrene em todos os ramos da administração; o reinado absoluto das mediocridades em nome de

principios republicanos que leiloeiros deslavados põem em hasta publica; a prepotencia de mandões no jury; a criminosa ostentação de interesses politicos no fôro, avassalando a magistratura com a promessa de favores pessoaes ou a ameaça de perseguições; a brutalidade de agentes de policia fazendo uma verdadeira caçada humana no seio dos que não batem palmas aos attentados e, simultaneamente, permittindo a existencia de faccinoras que levantam contribuições forçadas do commercio nas cidades e aldeias do interior: tudo isto reclama de nossa parte, continuamente, a acção indirecta, por meio de licções nobilitantes do direito e exemplos retemperadores dos costumes.

Sei que tem sido sempre esse o fim principal d'este instituto, desde a sua inauguração, e no correr d'este meu trabalho ficaram apontados em traços ligeiros, os beneficios colhidos; mas é preciso redobrar de esforços, porquanto, ao meu ver, ainda não tivemos phase comparavel a esta nos seus excessos de corrupção e desrespeito á lei, o que aos espiritos desalentados annuncia um prematuro symptoma de involução senil da patria.

O outro ponto refere-se puramente ao ensino. Existe ali a opinião de espiritos subalternos criticando-nos por termos descurado as noções praticas, introduzindo nos programmas das aulas os principios modernos da sciencia juridica.

E' este o caso que eu desejo ferir.

O senso bysantino de velhos cultores do direito, a explicação litteral da lei por meio de magros commentarios, o culto das formalidades, o aferro obstinado a praxes bolorentas, não edu-

carão homens de sciencia capazes de conhecer as leis sociaes que regulam a vida juridica dos povos:—darão leguleios pretenciosos, neo-juristas com as vestes de bacharel e os instinctos de rabulas.

Si o exame dos principios, o estudo consciencioso das regras, a methodologia da sciencia que aqui professais, desenvolvem as faculdades imaginativas da juventude, dando-lhe gosto pelas altas questões vigentes; o ensino meramente profissional, recheiado de normas sediças e palavras obsoletas, com a casca grossa das abusões de seculos desaparecidos, produzirá um triste estado de ruminação intellectual, que não é compativel com os fóros do Direito.

Na Allemanha, onde a instrucção continúa a ser dada, nas escolas de todos os grãos, sobre a base dos principios, onde as indagações philosophicas têm o seu culto nas cadeiras universitarias, cada dia cresce o patrimonio scientifico dos professores e discipulos.

E releva ponderar que esse systema posto alli em uso constante, ao passo que estimula as faculdades superiores e inventivas dos alumnos, remodela e lubrifica os velhos apparatus do ensino pratico.

Por outro lado, a indole subjectiva de nossa raça, o pendor nativo de sua imaginação, a poesia do seu character, não tolerariam a inopia de formulas chinezas incrustadas no abecedario da praxe, que não se refunde e não se tonalisa ao alento vivificante dos principios.

Foi este systema de noções praticas do ensino que levou os Estados Unidos a perderem os ideaes de Washington e a tornarem-se, em vez de uma nação cavalheiresca, um poderoso syndicato politico.

E não é um simples *flatus vocis* o appello que ora vos dirijo.

N'um dos projectos de universidade sujeitos ao vosso esclarecido juizo pelo sr. ministro do interior,—o do sr. dr. Azevedo Sodré, o Direito é representado no grupo das escolas superiores pela *Faculdade de Jurisprudencia*.

Pareceu-me a primeiro que o seu autor, com ser um medico distinctissimo, não tinha dado ao termo o valor real ou não calculára mesmo a differença que existe entre *jurisprudencia* e *direito*.

Mas o § 1.º do art. 4.º tirou-me toda a duvida a respeito, preceituando que se deve « dar ao ensino um cunho eminentemente pratico e profissional, deixando de lado, tanto quanto possível, as preocupações theoricas e doutrinarias. »

Isto quer dizer que é idéa dominadora nas regiões officiaes obrigar-nos ao ensino das praxes tabelliôas, com prejuizo manifesto da expansão actual do espirito juridico, além da extravagancia de pretender encarcerar a intelligencia dos professores n'uma especie do circulo, feito a carvão, com que se reduz á immobildade os perús.

E' um regimen inquisitorial imposto criminosamente aos juristas, depois que Rudolph von Ihering descobriu aos olhos da civilisação o novo mundo do Direito.

Filhos do seculo XIX, deveis protestar contra o sacrilegio dos que vão n'uma emboscada, sorateiramente, ao sanctuario onde se guarda a hostia do pensamento humano, substituir a imagem do vosso culto por um Deus de madeira antiga, com um resplandor de latão.

O seculo que findou deu a todas as sciencias e artes o seu quinhão de glorias, e não é possi-

vel que só o Direito deva ser expoliado na partilha.

A archeologia, constituída scientificamente em nosso tempo, derramou ampla claridade sobre os problemas da origem do homem, distribuição das raças e formações das linguas.

A' sua custa, disse-o J. M. de Heredia, por toda parte saem da terra os deuses, os homens e os animaes sepultados. Maravilham os nossos olhos as mais ephemeras e mais frageis formas da vida passada. «O hypogeu, onde repousava a mumia do mais illustre dos Pharaós, —de Rhamsés, o Grande,—entreabre-se pela primeira vez. Na sala funeraria, o sarcophago levanta-se intacto, ainda enguirlandado de flores, que, sob a areia incorruptivel, haviam mantido a delicadeza das corollas e o brilho de suas cores. Ao ligeiro contacto do ar, reduzem-se a pó, e, do coração de uma rosa, cae uma abelha, que mais de tres mil annos antes, enervada de perfumes e de mel, lhe adormecera nas petalas.»

A critica scientifica dos textos, classificando as inscripções gregas e romanas, e permittindo que fossem lidos os graffitos de Pompeia, os papyrus descobertos nas ruinas carbonisadas de Herculanium, os hyeroglyphos das inscripções egyptias, caldeás, assyrias e persas, os palimpsestos e as cartas lapidares da idade media; a inspecção conscienciosa das primitivas habitações do homem, seus recursos de defeza e seus tumulos:—a caverna, a cidade lacustre, os castros e os dolmens; todas essas descobertas, juntas aos novos processos do raciocinio com o emprego dos methodos objectivos e experimentaes, derramaram tanta luz sobre as disciplinas referentes ao homem e á sociedade

que seria impossivel fazer excepção do Direito n'esse—*surge et ambula* universal proferido aos quatro ventos pelos orgãos victoriosos do progresso.

Podem contentar-se com o regimen caduco das praxes juridicas, sem o condimento dos principios, os mediocres, os myopes de intelligencia, os incapazes de ver um metro acima do beiral do seu telhado ou dos corucheus da egrejinha comprehendida no estreito circuito do seu poder visual. Não é justo, porém, nem digno empare-dar na compressora orbita das noções praticas, o espirito vigoroso e aberto dos que, auxiliados pelos novos apparatus scientificos, se habituaram corajosamente a horisontes mais largos.

—
Cheguei ao fim, senhores doutores.

Que este aviso alviçareiro ecchoe nos vos-sos ouvidos, como aos navegantes da frota de Colombo, *mutatis mutandis*, chegou, do convez da nau *Pinta*, no silencio pavoroso da noite, a voz do canhão annunciando—terra.

Conta Edmond Goncourt que, n'uma tarde em Paris, elle e o seu irmão Julio, tentando pintar uma aquarella, começaram a escrever juntos um *vaudeville*, com um pincel molhado em tinta da China.

Tentando escrever esta memoria á medida dos meus desejos, sei bem que o não fiz. Ficae certos, no emtanto, que, si me fosse possivel dar-vos um trabalho equivalente á distincção da escolha de meu nome, eu teria chegado ao extremo de escrevel-o com a tinta rubra do meu sangue.





março

Este livro deve ser devolvido na última
data carimbada

23 FEV 1952

1.4.57

29.9.59

10 JUN 1962

15-4-76

6.3.80

E. 11 - 10.000 - 51

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

Memoria
Re

da Faculdade

